



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

VIII Legislatura

Número: 101

IV Sessão Legislativa

Horta, Quarta-Feira, 16 de Abril de 2008

**Presidente:** *Deputado Fernando Menezes*

**Secretários:** *Deputados António Loura (substituído no decorrer da sessão pelo Deputado Henrique Ventura) e Cláudio Lopes*

### SUMÁRIO

Os trabalhos tiveram início às 15 horas e 20 minutos.

Após a leitura da correspondência, passou-se para a apresentação dos votos.

**- Voto de Congratulação “pela ocorrência do 75º Aniversário do Clube União Recreio e Desporto/Castelo Branco Sport Club”.**

Feita a apresentação do voto pelo Sr. Deputado Costa Pereira (*PSD*), usou da palavra o Sr. Deputado Helder Silva (*PS*), seguindo-se a votação que registou a aprovação por unanimidade, por parte da câmara.

**- Voto de Protesto “pelos sucessivos atrasos de pagamento dos Apoios Comunitários aos agricultores na Região Autónoma dos Açores”.**

A apresentação do voto coube ao Sr. Deputado António Ventura (*PSD*), usando de seguida da palavra os Srs. Deputados Henrique Ventura (*PS*) e Artur Lima (*CDS/PP*).

Submetido à votação o voto foi rejeitado por maioria.

Ao abrigo do artigo 74º do Regimento da ALRAA, proferiu uma declaração política a Sra. Deputada Cláudia Cardoso (*PS*).

Sobre a mesma, usou da palavra o Sr. Deputado Costa Pereira (*PSD*), Artur Lima (*CDS/PP*) e o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência (*Álamo Meneses*).

Para tratamento de assuntos de interesse político relevante usaram da palavra os Srs. Deputados Pedro Gomes (*PSD*), Francisco Coelho (*PS*), Artur Lima (*CDS/PP*), Clélio Meneses (*PSD*), António Loura (*PS*), Sérgio Ferreira (*PSD*), Luis Henrique Silva (*PSD*) e o Sr. Secretário Regional dos Assuntos Sociais (*Domingos Cunha*).

### **Agenda da Reunião**

#### **1- Continuação da discussão da Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Regime Jurídico da gestão de imóveis do domínio privado da RAA”.**

No debate na especialidade usou da palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes (*PSD*).

Submetida à votação a proposta foi aprovada por unanimidade

#### **2- Projecto de Resolução – Segurança Pública nos Açores. Um dever do Estado. Um objectivo da Autonomia.” Apresentado pelo Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata.**

No debate, usaram da palavra os Srs. Deputados José Manuel Bolieiro (*PSD*), Francisco Coelho (*PS*), José San-Bento (*PS*), Artur Lima (*CDS/PP*) e Pedro Gomes (*PSD*).

Atingida a hora regimental para encerramento dos trabalhos, a continuação do debate ficou agendada para o dia seguinte.

*Os trabalhos terminaram às 20 horas.*

**Presidente:** Srs. Deputados e Srs. Membros do Governo, boa tarde.

Vamos proceder de imediato à chamada.

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados*

***Partido Socialista (PS)***

**Alberto da Silva Costa**

**Ana Isabel Damião de Serpa Arruda Moniz**

**António** Gonçalves Toste **Parreira**

**António** José Tavares de **Loura**

**Cláudia** Alexandra Coelho Cardoso Meneses da **Costa**

**Fernanda** Correia Garcia **Trindade**

**Fernando** Manuel Machado **Menezes**

**Francisco** Manuel **Coelho** Lopes Cabral

**Guilherme** de Fraga Vicente **Nunes**

**Hélder** Guerreiro Marques **Silva**

**Henrique** Correia **Ventura**

**Hernâni** Hélio **Jorge**

**José** Carlos Gomes **San-Bento** de Sousa

**José** de Sousa **Rego**

**José** Gabriel Freitas **Eduardo**

**José** Gaspar Rosa de **Lima**

**José** Manuel Gregório de **Ávila**

**Lizuarte** Manuel **Machado**

**Luís** Paulo de Serpa **Alves**

**Manuel** Avelar Cunha Santos

**Manuel** Soares da **Silveira**

Maria **Fernanda** da Silva **Mendes**

Maria **Piedade** Lima **Lalanda** Gonçalves Mano

**Mariana** Rego Costa de **Matos**

**Nélia** Maria Pacheco **Amaral**

**Nuno** Alexandre da Costa Cabral **Amaral**

**Nuno** André da Costa Soares **Tomé**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Aires** António Fagundes dos **Reis**

**António** Augusto Batista Soares **Marinho**

**António** Lima Cardoso **Ventura**

**António** Maria da Silva **Gonçalves**

**António** Pedro Rebelo **Costa**

**Carla** Patrícia Carvalho **Bretão** Martins

**Cláudio** José Gomes **Lopes**

**Clélio** Ribeiro Parreira Toste **Meneses**

Jorge Alberto da **Costa** **Pereira**

**Jorge** Manuel de Almada **Macedo**

**José** Manuel Avelar **Nunes**

**José** Manuel Cabral Dias **Bolieiro**

**Lisa** Marie **Garcia** Furtado

**Luís** Henrique da **Silva**

**Maria** José Botelho de Viveiros da Silva Lemos **Duarte**

**Mark** Silveira **Marques**

*Partido Popular (CDS/PP)*

**Artur** Manuel Leal de **Lima**

*Deputado Independente (Ind.)*

**Paulo** Domingos Alves de **Gusmão**

**Presidente:** Estão presentes 46 Srs. Deputados.

Pode entrar o público.

Passamos à apresentação da correspondência.

**Secretário** (*António Loura*): Da Presidência do Conselho de Ministros, pedido de parecer sobre o Projecto de Proposta de Lei que “aprova o regime de contrato de Trabalho em Funções Públicas”.

Baixou à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Assembleia da República pedido de parecer sobre a Proposta de Lei 187/X – “Aprova a Lei de Organização e Funcionamento dos Tribunais Judiciais”.

Baixou à Comissão de Política Geral.

**Secretário** (*António Loura*): Da Presidência do Conselho de Ministros, pedido de parecer sobre o Projecto de Decreto-Lei que “estabelece o regime do exercício da actividade pecuária”.

Baixou à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Assembleia da República pedido de parecer sobre o Projecto de Lei nº 500/X – “Cria os Gabinetes Pedagógicos de Integração Escolar (GPIE).

**Secretário** (*António Loura*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho relatório e parecer sobre o Projecto de Resolução nº 10/2008 – Instituição do Plenário Jovem.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho relatório e parecer sobre o Projecto de Resolução nº 11/2008 – Instituição do Plenário Sénior.

**Secretário** (*António Loura*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho relatório e parecer sobre o Projecto de Resolução nº 9/2008 – Resolve encarregar a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho de, nas suas funções de acompanhamento da actividade política e administrativa, se ocupar especificamente da verificação das condições em que estão a ser exercidas as obrigações de serviço público de rádio e televisão nos Açores.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho relatório ao abrigo do artigo 103º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma do Açores.

**Presidente:** Está apresentada a correspondência entrada na mesa.

Srs. Deputados, como certamente já observaram temos connosco uma embaixada sénior da Ilha de Santa Maria, que vem acompanhada do ex-Deputado e nosso amigo José Humberto Chaves.

Em nome do Parlamento queria dar-vos as boas-vindas e dizer-vos que é muito gratificante ter-vos aqui connosco.

Muito obrigado.

*(Aplausos da Câmara)*

Passamos para a apresentação dos votos entretanto chegados à mesa.

Tem a palavra o Sr. Deputado Costa Pereira para apresentar o Voto de Congratulação “pela ocorrência do 75º Aniversário do Clube União Recreio e Desporto/Castelo Branco Sport Club”.

**Deputado Costa Pereira (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

### **Voto de Congratulação**

O Castelo Branco Sport Clube comemora hoje o seu 75º Aniversário. Fundado a 16 de Abril de 1933 designava-se, na altura por União Recreio e Desporto.

A decisão da constituição do clube vinha de há algum tempo atrás. Com efeito, a 18 de Dezembro de 1932, estando reunidos 21 cidadãos da freguesia de Castelo Branco, concelho da Horta, resolveram fundar “uma sociedade educativa, recreativa e desportiva que se chamaria União, Recreio e Desporto”.

Nesse dia decidiram ainda nomear uma Comissão para elaborar os Estatutos, a qual ficou ainda com o encargo de assumir os cargos dos primeiros corpos directivos.

Deliberaram ainda esses 21 cidadãos “formar a direcção e a administração do Grupo Desportivo denominado Castelo Branco Sport Clube, aceitando o seu activo e passivo, assim como o contrato de arrendamento do campo de jogos situado na Lombega”.

A sua primeira sede era situada na Ladeira da Igreja, tendo, depois, conhecido outros espaços que culminaram no edifício que actualmente ocupam.

Os Estatutos foram aprovados pelo Governador Civil em 27 de Fevereiro de 1933. Estava assim formalmente constituída esta agremiação desportiva e cultural.

Deixamos aqui registados os nomes desses 21 cidadãos fundadores: José Faria de Morais, José Silveira Bulcão, José Augusto de Faria, António Silveira de Faria, Justino Gonçalves da Rosa, José Leal Furtado, António Silveira Bulcão, José Francisco Brum da Silveira, João José da Silveira, José de Freitas, António José Silva, João Caetano Rodrigues, Serafim Silveira de Lemos, António Silveira de Bettencourt, José da Rosa, Manuel Francisco de Oliveira, Manuel Silveira Leal Jr., António Silveira Garcia, Alberto Silveira Bulcão, Ernesto

Francisco Leal, a que se juntou, na assinatura dos Estatutos o Pároco Pe. Manuel Silveira Ávila.

O Castelo Branco Sport Clube, como hoje é mais conhecido, distinguiu-se sobretudo nas modalidades de futebol e basquetebol e hoje é um dos clubes do Faial com maior número de atletas nos escalões de formação nas modalidades designadas de pavilhão.

Assim, nos termos estatutários e regimentais aplicáveis, os deputados abaixo assinados, propõem à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, a aprovação deste Voto de Congratulação pela ocorrência do 75º. Aniversário do Clube União Recreio e Desporto/Castelo Branco Sport Clube reconhecendo o seu papel preponderante no desenvolvimento da cultura e do desporto na freguesia de Castelo Branco e na ilha do Faial.

Horta, Sala das Sessões, 16 de Abril de 2008

**Os Deputados Regionais**, Clélio Meneses, Jorge Costa Pereira e Lisa Marie Garcia.

**Presidente:** Apresentado o voto, tem a palavra o Sr. Deputado Helder Silva.

\* **Deputado Helder Silva (PS)**: Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista associa-se neste momento ao voto que foi trazido pelo Grupo Parlamentar do PSD, na ocasião do 75º aniversário de Castelo Branco Sport Clube, dado aquilo que é a relevância deste clube desportivo ao nível da freguesia, mas diria mesmo ao nível do Faial, com projecção e grande dinamismo como aqui referido, muito especialmente naquilo que tem a ver com os escalões de formação.

Muito obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados, não havendo mais intervenções, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam com o voto apresentado, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O Voto de Congratulação foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos à apresentação do **Voto de Protesto**, apresentado pelo PSD, “**pelos sucessivos atrasos de pagamento dos Apoios Comunitários aos agricultores na Região Autónoma dos Açores**”.

Tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

**Deputado António Ventura (PSD)**: Exmo. Senhor Presidente, Exmas. Senhoras e Senhores Deputados, Exmos. Senhores Membros do Governo:

## Voto de Protesto

O paga não paga dos Apoios Comunitários aos agricultores, afinal ainda não chegou ao fim.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** No ano transacto o Governo Regional assegurou, que o processo de pagamento dos apoios de 2007, seriam regularizados. No entanto, a realidade é que a história repete-se e torna-se a repetir e os atrasos sucedem-se quebrando as expectativas dos Agricultores.

Mais uma vez, a maior parte destes apoios não foram pagos nas datas anunciadas pelo Governo Regional, implicando grandes dificuldades na vida dos agricultores, em particular, no cumprimento dos seus compromissos financeiros, como sejam, o pagamento das rendas agrícolas, dos factores de produção ou dos diversos acordos financeiros com as Instituições de Crédito.

A título de exemplo, foram anunciados para pagamento os apoios relativos às Indemnizações Compensatórias e as medidas Agro-ambientais para o dia 21 de Dezembro, depois para 31 de Dezembro, depois para 27 de Março, depois para 9 de Abril e depois para 16 de Abril.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Os Agricultores esperaram, voltaram a esperar e continuam à espera.

Porém, já não são todos os Agricultores que esperam, são só os Agricultores Açorianos, visto que em Março os Agricultores do continente receberam estes apoios.

Mais uma vez, a informação demora a surgir em tempo útil. Os agricultores não sabem porque não receberam algumas ajudas e os Governos Regional e da República não os informam das razões dos sucessivos adiamentos.

Também, a informação explicativa dos montantes recebidos tarda em chegar e não é perceptível ao agricultor. O texto assemelha-se a um telegrama codificado.

Inexplicavelmente, os controlos de campo aos apoios do ano de 2007 só agora começam a ocorrer, o que irá originar mais atrasos no pagamento das mesmas.

Neste momento, são os próprios Agricultores que solicitam aos Serviços Oficiais para que realizem os controlos à sua exploração, mas nem isso o Governo Regional consegue fazer.



Confrontados com estas dificuldades, os agricultores sentem-se, negativamente, afectados na previsibilidade, competitividade e na sustentabilidade da sua actividade.

Para mais, estas circunstâncias tem contribuído para elevar o descrédito dos cidadãos sobre as Instituições Públicas e sobre a política.

Nestes termos os Deputados do Grupo Parlamentar do PSD, ao abrigo das disposições estatutárias e regimentais aplicáveis propõem o seguinte voto de protesto:

1. A Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores manifesta o seu protesto pelos sucessivos atrasos de pagamento dos Apoios Comunitários aos Agricultores na Região Autónoma dos Açores, relativamente às datas previamente anunciadas e à consequente falta de informação, na qual têm responsabilidade os Governos da República e Regional.

2. Deste voto de protesto deve ser dado conhecimento aos Governos da República e Regional.

Horta, Sala das Sessões, 16 de Abril de 2008

**Os Deputados:** Clélio Meneses, José Manuel Bolieiro e António Ventura.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Henrique Ventura.

\* **Deputado Henrique Ventura (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

As ajudas comunitárias têm a sua origem essencialmente em dois programas: o POSEIMA e o PRORURAL.

Como já todos sabemos, o pagamento às ajudas comunitárias com origem no POSEIMA está a decorrer normalmente.

Houve algum atraso nas ajudas comunitárias que têm origem no PRORURAL e esse atraso deveu-se à aprovação do mesmo programa em Dezembro passado. Portanto, 3 meses depois não consideramos que seja um grande atraso após a aprovação do PRORURAL.

Gostaria de acrescentar que as candidaturas foram feitas directamente para a base de dados do IFAP.

É verdade que no dia 27 de Março, no Continente, foram pagas as ajudas e que na Região só hoje é que estão a ser pagas, mas o Governo Regional já protestou veementemente junto do IFAP essa diferença de data.

Por isso, o voto do PSD parece-nos descabido porque ...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** O Ministro é que manda no IFAP!!!

**O Orador:** Eu posso concluir, se o Sr. Deputado Jorge Macedo (o homem dos transportes) me deixar.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Pode e deve!

**O Orador:** ... da parte da Região e do Governo Regional já foi feito um protesto e foi feito tudo aquilo que no nosso entender e no entender do Governo deveria ser feito.

Portanto, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista irá votar contra este voto que se torna oportunista, demagógico e que não vem de encontro a uma solução, porque a solução já existe.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

\* **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O voto de protesto aqui apresentado não se refere ao dia de pagamento (hoje). Refere-se aos 4 meses de atraso que já leva. Portanto, faz todo o sentido que seja apresentado.

Sr. Deputado Henrique Ventura, estranho muito que o PS não considere 4 meses um atraso significativo nas contas dos agricultores.

Devo dizer-lhe que quem considera são os próprios agricultores. Esses, sim, sentem no bolso e na carteira e consideram o atraso significativo. Aliás, consideram ainda mais quando na República já receberam e nos Açores continuam sem receber.

Embora o Governo Regional já tenha protestado (não sei quando é que o fez!), foi sempre um processo pouco claro, pouco esclarecido e esperava-se que a bancada do PS hoje tivesse trazido aqui algum esclarecimento sobre essa matéria. Não trouxe! Antes pelo contrário, veio dizer que o atraso é justificável e que se entende.

Os senhores terão que explicar isso aos agricultores para ver se eles entendem aquilo que os senhores entendem.

Se vão pagar hoje, é lamentável que só o façam hoje (ao fim de 4 meses) porque deviam tê-lo feito a 27 e a 28 de Dezembro.

Por isso mesmo, achamos que o voto faz todo o sentido, porque espelha aqui o sentimento de uma classe, que é de revolta, para com o Governo da República e também Regional, que não atende às suas justas aspirações.

Muito obrigado.

**Presidente:** O Sr. Secretário Regional da Agricultura pediu a palavra para...

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Para dar um esclarecimento sobre este assunto.

**Presidente:** Lamento, mas o senhor não pode usar da palavra nesta altura.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Secretário, o senhor tem a possibilidade de apresentar uma comunicação ao Parlamento!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Ventura.

\* **Deputado António Ventura (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

É muito fácil usar das palavras.

“Demagogia! São só 4 meses! Não são frases construídas!”

Coitado de quem está à espera do dinheiro!

**Deputado Mark Marques (PSD):** Muito bem!

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Já em 96 os senhores deviam ter falado nisso!

**O Orador:** Passemos das palavras aos actos, à prática!

“São só 4 meses!”

Podia ser só um dia!

E aqueles que não recebem o dinheiro? E os que têm os seus compromissos financeiros?

Foram anunciadas datas de pagamento já por 5 vezes, inclusive para hoje. Para o dia 16 de Abril foi anunciado o pagamento, mas o dinheiro ainda não chegou às contas.

5 vezes! 5 mentiras!

Os senhores reconhecem que há efectivamente um atraso.

O problema era nacional, os agricultores não recebiam. Agora é regional! Os agricultores do Continente já receberam e os açorianos não receberam.

Já que os senhores reconhecem que há esse atraso, que houve problemas de comunicação, que há, de facto, aqui uma grande dificuldade de pagamento, então paguem com juros aos agricultores.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Façam isso!

O Estado, como pessoa de bem, deve ter o mesmo rigor quando é credor e quando é devedor!

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Quando temos que pagar os nossos impostos, se deixamos passar um dia da data prevista para pagamento, temos que pagar juros.

Durante 5 vezes os senhores anunciaram datas e em nenhuma delas foi paga.

**Secretário Regional da Agricultura e Florestas (Noé Rodrigues):** Seja sério, Sr. Deputado!

**O Orador:** Esta não é a primeira vez que trazemos o assunto aqui. Já trouxemos um Projecto de Resolução o plenário passado, em que recomendávamos à República a eficiência do pagamento.

Os senhores chumbaram.

Portanto, os senhores também são culpados deste atraso.

Não foi emitida uma mensagem da Assembleia Regional a protestar e a recomendar ao Governo da República que os pagamentos fossem regularizados.

Portanto, não se admirem de hoje apresentarmos o voto de protesto.

Os senhores também são culpados. Os senhores têm culpa nessa situação.

A maioria parlamentar do PS tem essa culpa porque inviabilizou uma mensagem da Assembleia Regional.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Passamos à votação.

Os Srs. Deputados que votam a favor deste voto de protesto, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O voto de protesto foi rejeitado com 28 votos contra do PS, 17 votos a favor do PSD, 1 voto a favor do CDS/PP e 1 voto a favor do Deputado Independente.

**Presidente:** Para uma declaração política tem a palavra a Sra. Deputada Cláudia Cardoso.

**Deputada Cláudia Cardoso (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

No dia 31 do passado mês de Março concluiu-se a transferência dos alunos do 3º ciclo e secundário para a nova Escola Tomás de Borba na ilha Terceira. Esta escola é um exemplo de modernidade e dispõe das infra-estruturas mais actuais e dos equipamentos mais adequados, sem paralelo a nível nacional e apenas ombreando com as congéneres europeias. Integra com sucesso o ensino artístico e é por isso também uma escola de excelência. Não sendo, felizmente, exemplar único na Região.

Justifica-se assim amplamente o nosso regozijo em assistirmos a mais um exemplo da capacidade de execução do nosso governo. Que continua a promover por via da melhoria das infra-estruturas o sucesso educativo dos nossos alunos.

Acontece porém que há quem não veja isto exactamente assim. Há quem consiga, para cúmulo do ridículo, questionar a necessidade de muitas das obras que se fazem por todos os Açores só porque - e pasme-se! - o dono da obra é o Governo do Partido Socialista. Para o PSD, antigo obreiro convicto, as obras hoje são apenas isso, mais do mesmo, mais betão e mais cimento.

Porque o PSD é agora curiosamente anti-obras! E anti quase tudo o que se faz na Região, angustiadamente devotado ao bota-abaixo sem olhar a meios para atingir os seus inexplicáveis fins. Mesmo que estes não sejam nobres!

O antigo Secretário da Administração Pública, e actual líder do PSD tem o mérito de ser persistente e o demérito de persistir nos erros! Quando brade aos quatro ventos que o betão não serve e que o desenvolvimento não passa também pelas obras que se fazem.

Enquanto nomeia, simultaneamente, porta-voz para a educação um antigo deputado que se entreteve à exaustão a proclamar a importância das obras. Contabilizando com o afinco de um ourives os meses, os dias, e as horas de atraso que a inauguração das mesmas distava do inicialmente previsto na carta escolar.

Assim é, meus senhores, o fado e o fardo actual do PSD! Que perdeu em definitivo a capacidade de nos surpreender! E que hoje é capaz de tudo para conseguir quase nada! É caso para se dizer como Sophia no célebre poema «perdoai-lhes senhor, porque eles sabem o que fazem!»

**Deputados Francisco Coelho e Fernanda Mendes (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A educação assume-se hoje como um dos sectores mais estratégicos para assegurar o desenvolvimento dos Açores. E é dado assente que as condições físicas e infra-estruturais influenciam a performance dos nossos alunos. Era por isso essencial que fizéssemos o que fizemos ao longo dos últimos 11 anos por todos os Açores!

Com a inauguração no próximo mês de Maio da Escola Tomás de Borba damos mais um passo seguríssimo na qualificação da rede escolar regional. Na garantia de que ela constitui um estímulo para todos os que nela trabalham diariamente, e um contributo sério para a motivação dos alunos, capaz de assegurar resultados ainda melhores do que aqueles que temos sido capazes de alcançar.

A Escola Tomás de Borba obedece aos mais actuais requisitos de modernidade e aos padrões tecnológicos mais avançados, oferecendo ensino artístico integrado e garantindo a prática de desporto em condições de excelência.

A empreitada de construção esteve a cargo de um consórcio liderado pela EDIFER e atingiu aproximadamente os 24 milhões de euros.

A escola está implantada num terreno com cerca de 60.000m<sup>2</sup>, com um núcleo principal que engloba a área de gestão e a administrativa, bem como a área auxiliar e de serviço.

A área artística destina-se às vertentes da música, da dança e do multimédia, possuindo 28 salas de aula, 2 salas de ballet e um estúdio de realização audiovisual. A que acrescem uma sala de orquestra, uma sala destinada a grandes grupos, 22 salas de aula, uma mediateca, uma sala de convívio, uma sala de actuação e um estúdio de gravação e a respectiva régie.

Existe ainda uma área de salas de aula e de laboratórios que se destina essencialmente ao leccionamento do ensino regular não-artístico. Este bloco integra 2 salas de pré-escolar e 8 salas de 1º ciclo, complementadas com espaço exterior de recreio devidamente equipado.

A área da cultura possui um grande auditório composto por 206 lugares, um palco com 80 m<sup>2</sup>, fosso de orquestra e boca de cena, bem como uma mediateca e uma sala de cine/videoteca.

A escola possui ainda uma área desportiva constituída por um tanque de aprendizagem, uma sala de ginástica, uma sala de judo, um pavilhão gimnodesportivo, e um espaço exterior coberto.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O património do Partido Socialista em matéria de educação é vasto e inestimável. Sabemos bem o que fizemos, estamos certos da revolução que operámos também em matéria de infra-estruturas escolares.

Vimos do tempo de uma escola por legislatura a que nos habituou o PSD que em 2003 recordava com indisfarçável orgulho que lhes «foi possível construir uma escola, a das Laranjeiras, classificada pela OCDE entre as 200 melhores do mundo.»

É exactamente disso que estamos a falar! Esta é a diferença que nos separa! Porque estamos cientes da quantidade e da qualidade do nosso trabalho por todas as ilhas dos Açores e em todos os seus concelhos!

Estamos por isso hoje, Srs. Deputados, muitíssimo distantes do parque escolar que herdámos em 1996 e da situação que se vivia então em matéria de educação.

Há 10 anos atrás tínhamos mais alunos nas escolas mas tínhamos escolas piores, professores sem habilitação e menos sucesso escolar.

A diversificação da oferta curricular era residual, limitando-se ao ensino recorrente e ao ensino profissional. Que mantivemos e incrementámos, passando dos 577 alunos do ano lectivo 1996/97 para 2.709 em 2005/06.

Há 10 anos dos 4.163 docentes da Região apenas 1.597 possuíam habilitação para a docência, hoje a totalidade dos docentes da Região a possui. E lembremo-nos ainda que há 10 anos atrás o investimento em educação se ficava pelos 60 milhões de €, enquanto hoje atinge os 212 milhões, correspondendo a um aumento superior a 200%.

Fomos nós que iniciámos uma recuperação do parque escolar do 1.º ciclo e da educação pré-escolar sem precedentes, na qual, em cooperação com as autarquias, foi possível intervencionar mais de 90% deste. Foram os governos do Partido Socialista que fizeram intervenções de grande porte em muitas das escolas da Região.

Na EB3/S da Ribeira Grande; na EB2,3/S de S. Roque do Pico; na EB3/S Pd. Jerónimo E. de Andrade; na EB2,3 de Angra do Heroísmo, na EB1,2,3/JI das Furnas; na EB2,3 da Maia; na EB2,3/S Maria I. C. Medeiros, na Povoação; a ES da Lagoa; a EB/JI de Lagoa; a EBI Mouzinho da Silveira, no Corvo; a EB/JI de Carreirinha; a EB/JI do Pico da Urze; a EB2,3 de Arrifes, da EB2,3 Canto da Maia, a EB da Matriz/Conceição, na Horta; a EB1,2,3/JI do Topo; a EB1,2,3/JI de Biscoitos; a EB2,3/S Padre Maurício de Freitas, em St<sup>a</sup>. Cruz das

Flores; a EB2,3 de Ginetes; a EB1/JI de Castelo Branco, a EB2,3 Francisco Ornelas da Câmara, a EB2,3/S do Nordeste; a EB2,3/S da Graciosa; a EB3/S Domingos Rebelo, e a EB2,3/S Bento Rodrigues em Vila do Porto.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Nesta legislatura continuámos o investimento em infra-estruturas escolares de todas as ilhas da Região. De Vila do Porto a Santa Cruz das Flores.

Em **Santa Maria** concluímos as obras de remodelação da EB2,3/S Bento Rodrigues.

Em **S. Miguel** reconstruímos a Escola Roberto Ivens, está em curso a 2ª fase de intervenção na Escola Básica Integrada Ruy Galvão de Carvalho, estão em fase de adjudicação as obras na Escola Básica Integrada de Ponta Garça, estamos em fase de conclusão do projecto da Escola Básica de Água de Pau, concluímos as instalações desportivas da EB 1,2,3/JI das Furnas e lançaremos no próximo dia 22 a 1ª pedra da ampliação e requalificação da Escola Básica e Secundária de Vila Franca do Campo.

Na **Terceira** vamos inaugurar no próximo dia 6 de Maio a Escola Tomás de Borba, fizemos da Escola Francisco Ornelas da Câmara uma nova escola, e está em curso a adjudicação da Escola Ferreira Drummond, em São Sebastião.

No **Faial** construímos a nova Escola Secundária Dr. Manuel de Arriaga com elevados padrões de excelência.

No **Pico** iniciámos a ampliação da Cardeal Costa Nunes, lançámos a concurso, em colaboração com a câmara municipal, a empreitada de reabilitação do pavilhão da EB de São Roque, adjudicámos a construção da nova EB das Lajes, e concluímos o projecto de arquitectura para a nova Escola Básica 2/3 da Ponta da Ilha, em colaboração com a autarquia.

Em **São Jorge** concluímos a reparação da Escola de Velas e da Escola da Calheta, adaptámo-las ao ensino secundário, estando agora em fase de elaboração o projecto de requalificação desta última.

Na **Graciosa** requalificámos e ampliámos de forma muito significativa a EB2,3/S da Graciosa, adaptando-a ao ensino secundário.

Nas **Flores** procedemos à requalificação da Escola Básica Integrada, finalizámos o projecto de construção do pavilhão gimnodesportivo anexo, e está em fase de lançamento o concurso para a construção da nova Escola Básica Integrada das Lajes, que contempla já o 2º ciclo.



Em todas as ilhas da Região e em quase todos os concelhos mudámos os Açores para melhor. Sem ficarmos atados aos prazos da carta escolar, mas atendendo às necessidades que foram surgindo e à realidade que se foi, também ela, modificando.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Não nos ficámos pelas obras, e conseguimos também melhorias significativas ao nível dos resultados, que são hoje incomparavelmente diferentes do que eram em 1996.

Em que o sucesso escolar ao nível do 1º ciclo se ficava pelos 78% quando hoje se cifra nos 96%, sendo que esta melhoria significativa é visível sobretudo no 2º ano de escolaridade em que o aproveitamento passou de 64,5% para 81,6% em 2004 e para 95,8% em 2006.

Ao nível do 2º ciclo passámos de um aproveitamento escolar na ordem dos 79,3% para 90% em 2006, a que acresce o facto do abandono escolar ter sido praticamente erradicado neste nível de ensino.

No que respeita ao 3º ciclo passámos de uma taxa de 76,6% de sucesso em 1996 para 84,5% em 2006. No ensino secundário não profissional a taxa de sucesso aumentou de 62,7% para 65%.

A taxa de escolarização dos 0 aos 19 aumentou de 83,9% para 88,3%. O abandono escolar precoce (<16 anos) diminuiu de 1,7% para 0,8%, sendo que o abandono escolar total (<19 anos) desceu de 11,2% para 8,7%, verificando-se uma redução significativa na última década devido aos programas de recuperação da escolaridade.

Cumprimos o que prometemos!

De acordo com o nosso Programa de Governo apostámos na universalidade da educação pré-escolar, alargando a rede de oferta pública. Reestruturámos e racionalizámos a organização da rede do 1º ciclo, eliminando os desdobramentos remanescentes.

Reforçámos a articulação entre a educação pré-escolar e os diferentes níveis de ensino, sob a filosofia das escolas integradas. Dotámos as escolas dos meios necessários ao apoio pedagógico específico aos alunos que dele necessitem. Integrámos no currículo com carácter obrigatório o ensino para a promoção da cidadania activa e da saúde afectivo-sexual.

Fomentámos o acesso dos alunos às tecnologias de informação através do Projecto Escolas Digitais que reduziu o ratio alunos por computador de 24 para 8 em apenas três anos. E generalizámos o ensino das ciências e tecnologias. Apostámos na criação do ensino artístico

em todas as escolas do ensino regular, a exemplo da EB de São Roque, da EB Lajes do Pico, da EBI da Praia da Vitória, e da EBS Tomás de Borba.

Criámos através do Projecto Qualis mecanismos de autoavaliação das escolas. E consolidámos a sua autonomia.

Lançámos o ensino mediatizado e os cursos de alfabetização e de actualização de competências de literacia, a que se candidataram mais de 600 adultos.

Alargámos o regime de reconhecimento e validação de competências, aprofundámos a via profissional e criámos a figura do mediador. Criámos novos programas de recuperação da escolaridade, o projecto interciclos e a figura do tutor. Alargámos a oferta formativa do Profij a todas as escolas. Criámos um estatuto do aluno e um estatuto do pessoal docente.

Sabemos bem o que fizemos!

Sabemos bem do que fomos capazes!

O mérito é nosso, ninguém o pode tirar!

E se o PSD abandonou em definitivo as vestes do fiscalizador da obra porque agora já não lhe convêm, os deputados do Partido Socialista continuarão gostosamente a fiscalizar a acção governativa como lhes compete.

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** O Sr. Secretário da Educação não conteve o riso!

**Deputado Mark Marques (PSD):** Essa é mesmo para rir!

**A Oradora:** E a acusá-la de incumprimento quando for o caso, mas seguramente a reconhecer-lhe o devido mérito.

Sempre que for justo, e sempre que for merecido.

Sem dúvidas existenciais e sem acessos de ciúmes.

Porque percebemos que os sucessos do Governo do Partido Socialista não beneficiam em primeira instância nem o Governo nem o Partido.

Porque sabemos que os sucessos do Governo do Partido Socialista beneficiam sobretudo os açorianos.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** E porque sabemos que o que fizemos, fizemos bem, o que planeámos cumprimos e que o que cumprimos pagámos!

«Perdoai-lhes senhor porque eles sabem o que fazem»... lembra bem Sophia.

Sabem sempre o que fazem! Mesmo quando o que dizem que fariam é o exacto contrário do que fizeram quando estiveram no poder.

**Vozes da bancada dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**A Oradora:** O ainda maior partido da oposição é por isso um logro, uma patranha em que apenas um reduto de irredutíveis parece ainda acreditar. Pálida sombra de antes, refém de si mesmo, de discurso clivado e prioridades alienígenas o PSD não cumpre os mínimos!

E o debate democrático clama por eles, em vão os exorta, sem retorno afinal... Sem timoneiro a barca do PSD anda à deriva! Sem ideias o PSD nada propõe aos açorianos, e a si mesmo se desgoverna!

Enquanto eles falam, nós cumprimos, nós construímos, nós pagamos! E os açorianos reconhecem-nos o mérito que o autismo do PSD faz por esconder!

Na verdade não queremos mais do que merecemos, mas sabemos o que merecemos e seguramente merecemos a confiança dos açorianos!

Disse.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Está inscrito os Srs. Deputados Costa Pereira, Artur Lima e o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência.

Tem a palavra o Sr. Deputado Costa Pereira.

**Deputado Costa Pereira (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Naturalmente que a figura regimental que a Sra. Deputada optou, não nos permite um debate em plano de igualdade e, por isso mesmo, não vou debater consigo a tentativa de análise exaustiva que procurou fazer de alguns assuntos relativos à educação nos Açores.

Vou apenas fazer referência a dois aspectos que considero essenciais e que mostram bem a forma pouco correcta como colocou as coisas, naquilo que diz respeito ao PSD.

Em primeiro lugar, a Sra. Deputada volta a insistir na argumentação de que o PSD, na última legislatura, avaliava as construções, mas agora não fala sobre elas. Isso não é verdade!

A senhora sabe que todas as vezes que intervimos nesta Assembleia nos debates do Plano do Governo fiz sempre referência às obras que estavam em curso e aquelas que não estavam contempladas em cada um dos planos, por comparação com a Carta Escolar – primeira correcção, por exigência da verdade.

Em segundo lugar, para dizer que ninguém também percebe os senhores. Na última legislatura, quando o PSD falava das construções escolares e dos atrasos que havia, os senhores diziam: “Não! Isso é o menos importante na educação! O que importa são os conteúdos, as aulas, os currículos, os alunos!”

Agora, quando falamos na questão do insucesso escolar dos nossos alunos, do sucesso administrativo que impuseram nas escolas, quando abordamos o problema real do descontentamento dos professores, ou as deficiências que existem ainda hoje na educação dos Açores, os senhores reclamam porque nós não falamos nas construções escolares!

Vá alguém entender-vos! Isto é bem a prova que são os senhores que não sabem o que é que querem.

É evidente que faz parte da história e da evolução dos acontecimentos o facto de cada Governo ter à sua disposição condições muito próprias, que lhe permitem fazer mais ou menos coisas e coisas diferentes, porque isso, desde logo, depende da orientação de cada executivo.

Ninguém disse que nos Açores, desde que o Partido Socialista está no Governo, não se fizeram obras e investimentos positivos na área da educação e que eles constituem, por si mesmos, melhorias, quer para o funcionamento estrutural e infra-estrutural das escolas. Também nunca ninguém desta bancada disse que nada de positivo tinha sido feito no que diz respeito à organização do sistema educativo.

Não é politicamente sério colocar as questões da forma que as colocou, propositadamente querendo tomar a “árvore pela floresta”.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** E hoje o que importa é olhar para a nossa educação e perguntar:

Hoje, os alunos, com esse sucesso milagroso que a senhora ufanamente apregoa e que fez com que em dois anos as taxas de sucesso nos Açores passassem dos 60% para quase 100% no ensino básico, hoje, os nossos alunos estão melhor preparados? Eles têm hoje mais conhecimentos? Sabem mais do que sabiam os alunos de há 4 anos?

É evidente que todos os profissionais que estão no nosso sistema educativo dizem que não!

A preocupação que temos e que repetimos é que este sucesso é só um sucesso administrativo; este sucesso é fabricado apenas com o objectivo de melhorar as estatísticas.

É essa preocupação que temos frequentemente aqui trazido. E até, inclusivamente, a Sra. Deputada, noutros locais que não aqui, concorda comigo quando escreveu que “combater o insucesso pela via da não retenção é premiar a incapacidade e dizer em primeiro lugar aos alunos que isto do esforço é coisa em desuso”.

A senhora escreve isto nos jornais e aqui diz o contrário. É lá consigo!

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Em terceiro lugar, as preocupações que temos aqui trazido são preocupações consistentes.

Quem anda nas escolas, quem fala com os professores, quem ouve os professores, é capaz de afirmar que os professores nos Açores estão contentes? Que hoje eles se sentem bem nas escolas? Que se sentem confortados por estarem horas numa sala à espera de algum serviço? É evidente que negar este estado de espírito dos nossos professores só prova que os senhores não convivem, nem falam com eles.

Concluindo: estas são as preocupações essenciais que aqui temos trazido. E temos a consciência de que o temos feito com equilíbrio, substância, fundamento e razoabilidade.

Finalmente, os pais!

Alunos, professores, pais, constroem a essência daquilo que é nas nossas escolas a comunidade educativa.

E os pais também se sentem com a situação que hoje se vive nas escolas.

É verdade que algumas coisas foram feitas e foram ao encontro das suas preocupações e desejos, nomeadamente fazer permanecer os alunos mais tempo na escola. Mas os pais hoje sentem que os seus filhos são cada vez mais discriminados por um sistema em que os alunos que não têm hipóteses de ter explicações ou outros apoios, são alunos que rapidamente chegam ao 10º ano e não conseguem continuar com êxito os seus estudos, porque o facilitismo que eles conhecem até ao 9º ano, termina no 10º e isso faz com que a escola hoje, infelizmente nesse aspecto, seja uma escola menos positiva e mais discricionária do que a escola de antes do 25 Abril.

Hoje, os pais estão preocupados porque os seus filhos estão cada vez menos preparados para enfrentar os desafios da vida, para enfrentar os desafios da nova sociedade e para enfrentar as exigências e as dificuldades da vida, que não se compaginam com as facilidades aparentes em que a escola os induz.

Estas são as grandes questões da educação que temos aqui trazido e são as questões que nos devem unir em vez de dividir.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista requer à mesa, com urgência, que diligencie no sentido das declarações prestadas pelo Sr. Deputado Costa Pereira serem urgentemente transcritas e disponibilizadas o mais rápido possível a este Grupo Parlamentar.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

\* **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sra. Deputada Cláudia Cardoso:

A sua declaração política teve nitidamente duas partes: primeira, a obra; segunda, o sucesso. No meu entender, devia ter ficado com a parte da obra e ter esquecido a parte do sucesso, porque essa não vos abona muito, como não abona muito ao Governo o sucesso e o sucesso escolar.

Não nos incomoda que os senhores façam obra. O que queremos é que os senhores façam as obras que prometeram e estamos cá para exigir isso.

Nessa perspectiva, pergunto à Sra. Deputada se se esqueceu de enumerar alguma escola?

Nessa enumeração que citou estava, por exemplo, a Escola do Ramo Grande e a Escola Ferreira Drummond?

Ao Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência, pergunto para quando a renovação/reformulação da rede viária para a Escola de São Carlos, uma belíssima escola (felicitoo por isso)? Quando fica concluída toda aquela envolvente? Como sabe, está causando grandes transtornos, apesar do aumento da circulação. O planeamento devia ter sido integrado e não foi.

“A César o que é de César!”

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Muito bem, Sr. Deputado!

**O Orador:** As obras são boas, mas estamos cá para exigir mais.

Cumpram, que o sucesso ficará com os senhores!

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência.

\* **Secretário Regional da Educação e Ciência (Álamo Meneses):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu começaria do fim para o princípio e começaria exactamente por responder às questões que foram colocadas pelo Sr. Deputado Artur Lima, dizendo-lhe que em relação à Escola de São Sebastião, mais conhecida por Escola Francisco Ferreira Drummond, neste momento estamos em vias de adjudicação da empreitada.

Já foram abertas as propostas das diversas empresas candidatas. Está a ser feita a análise das candidaturas em empreitada e vamos adjudicá-la em breve trecho.

É uma obra contingente a todas as questões que podem acontecer num concurso público, mas espera-se que tenha início brevemente.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Este ano?

**O Orador:** Este ano!

Toda a fase do projecto, concurso para a empreitada está concluída.

Neste momento estão a ser analisadas as propostas concretas dos empreiteiros.

Em relação à questão que colocou da Escola do Ramo Grande, é uma escola que continua nas nossas intenções, está em fase de planeamento. Na sequência de obras que estamos a fazer, é uma das escolas que quando a Escola Francisco Ferreira Drummond se aproximar do seu termo, será lançada de maneira a manter constante o volume de obra que está a ser feita na Ilha Terceira em matéria de educação.

Não está esquecida. Seguirá logo que a Escola de São Sebastião esteja em fase final.

A prioridade foi dada à Escola de São Sebastião por duas razões: por um lado, porque vai contribuir de forma muito mais eficaz para o descongestionamento das próprias escolas da Praia, visto que os alunos de São Sebastião, neste momento, estão a ser servidos na Praia; por outro lado, porque a Escola Francisco Ornelas da Câmara, neste momento, dá uma resposta adequada, o que não acontece no caso do concelho de Angra. Por isso nós demos prioridade à Escola Francisco Ferreira Drummond, seguindo com a do Ramo Grande, logo que essa se aproxime do seu termo.

Quanto às questões de acessibilidade, a estrada que está a ser construída e que vai resolver uma boa parte do problema, ficará concluída antes do dia 6 de Maio deste ano. Neste momento, estão a fazer as valetas, o asfaltamento seguirá em breve e passará a ser possível fazer a circulação em torno do quarteirão em que se situa a escola e o assunto ficará resolvido a muito breve trecho.

Contamos com isso pronto até 6 de Maio.

Gostaria de dedicar alguma atenção àquilo que foi dito pelo Sr. Deputado Costa Pereira.

De facto, as questões das construções escolares são importantes, mas não são aquilo que é fundamental em termos do sistema educativo.

Aquilo que é fundamental no sistema educativo é termos resultados e sucesso. Essa é a questão essencial.

Estou muito contente, feliz e orgulhoso, com aquilo que foi feito em São Carlos e em muitos outros lugares, mas não é só com melhores edifícios escolares que se consegue bons resultados. É um contributo, mas o que é essencial são os resultados.

Em relação aos resultados eles estão à vista e são muito melhores do que aquilo que eram.

Há um aspecto que me parece que deve ser aqui ressaltado, é que neste momento – e isso é muito importante, Sr. Deputado – cerca de um terço dos jovens açorianos estão a chegar ao



ensino superior. Não tem comparação com os 4 e 5% que chegavam ao ensino superior, quando eu e o senhor fomos alunos.

Neste momento é um terço. O que é que isto quer dizer? Quer dizer que ao contrário do que foi dito pelo Sr. Deputado Costa Pereira, o insucesso do ensino secundário já não é o que era, porque se assim fosse, Sr. Deputado...

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Como é que estão as taxas de sucesso no 12º ano, Sr. Secretário?

**O Orador:** ... como é que um terço chegava lá? Já passou dos 33%.

O sucesso nas nossas escolas aumentou imenso, Sr. Deputado.

Esse aumento deveu-se à diversificação curricular.

É uma pena que o Sr. Deputado tenha ficado com a sua mente fixada a estratégias que 50 anos de experiência mostraram como incapazes. O senhor continua a pensar que é por se chumbar muito que se tem uma boa escola e que o sistema educativo funciona.

Sr. Deputado, a exigência passa por ser capaz de ver quando é que o sucesso acontece em termos académicos e quando é que o insucesso tem que acontecer por outras vias. As outras vias são os encaminhamentos.

Não há nenhum sistema educativo na Europa, não há nenhum sistema educativo em nenhum país desenvolvido que faça retenção de alunos pelas razões que o senhor apontou. Isso são ideias de há 100 anos!

É pena que o Sr. Deputado tenha ficado preso nessa teia de insucesso...

**Deputado Costa Pereira (PSD):** Está enganado!

**O Orador:** ... que 100 anos de história do nosso sistema educativo demonstraram que não davam resultados.

É uma vergonha que se continue a discutir o sistema educativo e o insucesso com base nisso. Isso é algo que não faz qualquer sentido à luz da pedagogia moderna, não faz qualquer sentido à luz da economia da educação e muito menos sentido faz à luz daquilo que nós precisamos que é transformar as nossas escolas em lugares em que a igualdade de oportunidades se traduza, de facto, em igualdade de oportunidades.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

O insucesso repetido, Sr. Deputado, só significa que o aluno fica retido tantas as vezes quantas as necessárias para que depois abandone a escola. O insucesso repetido é apenas uma seta que aponta a porta de saída da escola.

**Deputado Costa Pereira (PSD):** Isso não é razão para o resto!

**O Orador:** É isso que o Sr. Deputado está advogar. O senhor está a advogar um sistema que exclui os alunos.

**Deputado Costa Pereira (PSD):** Eu não disse nada disso.

**O Orador:** Disse, Sr. Deputado

**Deputado Costa Pereira (PSD):** Uma coisa conclui a outra!

**O Orador:** Essa é uma conclusão lógica daquilo que o senhor disse. Basta analisar os números.

Não há sistema educativo que tenha como base a retenção. É fundamental que de uma vez por todas isso fique claro. Esta é uma oportunidade de ouro para discutir este problema.

**Deputado Costa Pereira (PSD):** Agora? É de outro mas não posso falar!

**O Orador:** Estamos fartos de ouvir que o sucesso é administrativo. Não é administrativo, Sr. Deputado. É pedagógico, porque os alunos são encaminhados de acordo com as suas competências.

Chumbar alunos nunca deu qualquer resultado, pelo contrário, chumbar alunos só serve para pôr os alunos na rua.

Esperemos que haja um momento mais adequado para discutirmos isso e nesse momento gostaria de finalmente irmos ao fundo da questão, porque ela é urgente e é preciso acabar com mitos que foram trazidos pela tal escola salazarista que eu não sei se o Sr. Deputado estava a elogiar ou não há bocadinho...

**Deputado Costa Pereira (PSD):** O senhor não percebeu nada, mas vou explicar-lhe!

**O Orador:** ... que estragaram durante muito tempo o nosso sistema educativo e ainda continua com alguns “germes” que têm que ser erradicados.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Cláudia Cardoso.

\* **Deputada Cláudia Cardoso (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

No encerramento deste debate, gostava de afirmar a pertinência que teve esta declaração política no sentido de ficarmos esclarecidos, por um lado, acerca daquele que tem sido, ao longo desses onze anos, o trabalho do Partido Socialista no Governo em matéria de boas construções escolares, ao contrário do que acontecia no tempo do PSD, porque nós não refizemos escolas por gosto, refizemos porque elas eram péssimas, e por outro para deixar claro o exemplo, que é apenas um dos nossos exemplos, da Escola Tomás de Borba como escola de excelência, como exemplo a destacar que a todos, como tive oportunidade de dizer na intervenção, nos deve orgulhar e nos deve engrandecer e, como sabe, condiciona, porque há estudos que o provam também, o sucesso educativo que almejamos sempre melhor.

Teve um outro interesse, que foi ficarmos a saber no fundo aquilo que já sabíamos, mas de uma forma mais veemente, acerca das ideias sobre educação do Sr. Deputado Costa Pereira. É evidente que não partilhamos da mesma visão sobre as matérias da educação e isso já foi aqui várias vezes tornado claro.

Sr. Deputado Costa Pereira, aquilo que disse na minha intervenção sobre a oportunidade e o escrutínio da Carta Escolar que era feito anteriormente, não era feito por si, Sr. Deputado, como também tive oportunidade de dizer, porque de si e sobre educação nós não temos ouvido nada.

Quem fazia isso era outro Sr. Deputado, na outra legislatura, que, de forma meticulosa, avaliava os dias que distava entre a Carta Escolar, as horas e a inauguração.

Nós não temos esse espírito de empreiteiro. Nunca o tivemos.

Percebemos e louvamos a oportunidade da obra, mas também sabemos, Sr. Deputado Artur Lima, a importância dos resultados e é por isso que também os trouxe para provar que temos boas escolas e temos bons resultados.

Finalmente, gostaria de salientar que o PS tem esta capacidade de acusar, quando as coisas não estão bem, e de elogiar quando estão. Foi esse o caso.

Temos uma grande obra!

Nunca ouvimos o PSD, em nenhuma situação, pronunciar-se sobre isso, porque o PSD preocupa-se sempre com a “árvore”, nunca com a “floresta”. O PSD fala da janela subdimensionada ou sobredimensionada, mas não fala da obra, não fala do que é essencial.

Por isso mesmo, perante esta obra, importante para a Terceira, importante para os Açores e muito importante para o nosso sistema educativo, nada foi dito.

Aquilo que se veio aqui tentar demonstrar pela boca do Sr. Deputado Costa Pereira, foi a visão que o PSD de hoje, o PSD de 2008, tem sobre a educação. Uma visão anquilosada, presa ao passado e que elogia, para cúmulo do ridículo, a época do fascismo, ...

**Deputado Costa Pereira (PSD):** Citei a senhora! Já não sabe o que é que escreve!

**A Oradora:** ... quando todos nós sabemos, e essa discussão não vale a pena fazer, o que era a escola dessa época. É lamentável! Fica aqui o registo.

Começo a desconfiar que o problema do PSD, e devo dizer com franqueza, já nem é o PS, nem a obra que o PS faz. O problema do PSD é verdadeiramente o PSD, como se vê.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Passamos para as intervenções.

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo: A liberdade de imprensa e o pluralismo da comunicação social são elementos constitutivos do Estado de Direito democrático.

Verdadeiramente, não há democracia sem liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Como escreve James Carey, “o jornalismo e a democracia partilham o mesmo destino”.

Entre nós, a Constituição qualifica a liberdade de imprensa como direito fundamental e atribui ao Estado a função de garante da liberdade e da independência dos órgãos de comunicação perante o poder político e económico.

Como expressão da dimensão garantística da liberdade de imprensa, a Constituição impõe, mesmo, que o funcionamento e a estrutura dos órgãos de comunicação social do sector público devem “salvaguardar a sua independência perante o Governo, a Administração e os

demais poderes públicos, bem como assegurar a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião”.

Os constituintes pressentiram que a relação entre o Governo, a Administração, os diferentes poderes públicos e a comunicação social seria palco da “diabólica tentação” do controle dos media. Por isso mesmo, o exercício do direito da liberdade de imprensa impõe, simetricamente, ao Estado, uma obrigação de abstenção e um dever de garantir – por via legislativa, regulamentar e de actuação – o exercício pleno do pluralismo e da liberdade de expressão.

Tais deveres impõem-se ao Estado, de modo especial e com particular intensidade, nos órgãos de comunicação social públicos.

A democracia fortalece-se na pluralidade, no confronto das diferentes opiniões, na independência dos órgãos de comunicação social em relação aos diferentes poderes fácticos e às mais variadas ou sofisticadas formas de pressão.

Numa época de cidadania global, os órgãos de comunicação social estão cada vez mais presentes no nosso quotidiano.

Uma parte do escrutínio da acção política, da actuação dos poderes na sociedade é feita, diariamente, pelos órgãos de comunicação social, através das suas edições noticiosas.

A ética da antena, a liberdade editorial, o pluralismo, a informação para o conhecimento e para a cidadania constituem desafios que não podem ser ignorados ou reduzidos a formalidades mais ou menos rituais.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O relatório da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) sobre o pluralismo partidário na RTP, ao analisar o cumprimento do dever de pluralismo, em 2007, na televisão pública e enquanto prestadora dum serviço público em todo o país, veio confirmar a expressão meramente formal do pluralismo nos espaços de informação da RTP/Açores.

Este Relatório confirma, também, uma verdade que o PSD vem afirmando há muito tempo: que a oposição democrática nos Açores não tem um tratamento justo e proporcional à sua expressão eleitoral, nos telejornais e nos programas de informação da RTP/Açores.

Se preferirmos dizer de outra maneira, o Governo Regional e o PS são privilegiados na informação da televisão pública.

**Deputado José San-Bento (PS):** Logo o Sr. Deputado a vir dizer uma coisa dessas!

**O Orador:** Os dados do relatório são claros: o Governo Regional e o PS ocupam 69% da informação político-partidária da RTP/Açores,...

**Deputado José San-Bento (PS):** E a Câmara de Ponta Delgada?

**O Orador:** ... enquanto que a oposição está “sub-representada” nas peças e serviços informativos.

De acordo com a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), é nos Açores que o pluralismo informativo é menos respeitado em todo o país, situação que não abona nada em favor do papel da RTP/Açores, nem da qualidade da democracia nos Açores.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** O relatório da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) demonstra que a televisão pública tem uma visão raquítica do pluralismo político e uma atrofiada visão do pluralismo informativo.

É uma situação intolerável que nenhum democrata pode aceitar.

O PS, satisfeito com a cobertura informativa que a televisão pública concede ao seu Governo e à sua actividade partidária, cedo se apressou a defender o contrário, em comunicado expedito, que afinal “o PS e o Governo Regional são claramente prejudicados pelos critérios de análise utilizados” na elaboração do relatório.

Como se alguém pudesse acreditar nisto.

Independentemente dos números em si mesmos, é impossível negar uma evidência: a televisão pública tem privilegiado a cobertura informativa do Governo Regional e do PS.

Mas, esta Assembleia Legislativa também tem razões de queixa. Os trabalhos parlamentares – em Comissão e no Plenário – têm uma deficiente cobertura jornalística. O Parlamento, que é por definição o centro do debate político regional, parece invisível, na maior parte das vezes, para a televisão pública.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O poder que o PS faz gosto em exhibir na sociedade açoriana, ao arrepio de todos os compromissos assumidos na já longínqua “Convenção da Nova Autonomia”, de 1996, também se alimenta desta vantagem informativa.

É preciso dizer com toda a clareza que o Governo socialista não hesita em usar o seu poder para exercer pressão sobre os órgãos de comunicação social.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Isso é uma insinuação grave!

**O Orador:** É uma afirmação, Sr. Deputado Francisco Coelho, não é uma insinuação!

A tentativa de apropriação dos espaços de informação pelo poder regional é uma constante.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** O PS não consegue expulsar o velho fantasma jacobino do controle da comunicação social.

A nova ágora mediática é sedutora e apetecível.

Doze anos depois, o PS não mudou. Abusou!

As pressões a que os órgãos de comunicação social são sujeitos não podem ser um constrangimento ao exercício livre do jornalismo nos Açores.

Em nome da liberdade de imprensa, do respeito pelo pluralismo e em defesa da cidadania, cabe aos jornalistas e aos órgãos de comunicação social saber resistir a estas investidas do poder, restaurando a confiança entre a sociedade civil e as suas instituições democráticas, nas quais os órgãos de comunicação social têm um lugar destacado.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Deputado Nuno Amaral (PS):** No vosso tempo até o Canal 1 era filtrado!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

\* **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Pedro Gomes resolveu trazer a esta casa um tema importante e creio que o trouxe confortado por um relatório.

Realmente o tema é importante: o pluralismo da comunicação social na sociedade.

O reflexo que dele se dá, é efectivamente essencial à democracia e é seguramente um dos maiores reflexos da saúde dessa democracia. Dizemos isso confortados.

Nós que aqui estamos e que aqui estivemos em Outubro do ano passado, tivemos oportunidade de falar, perante o Sr. Presidente da República que felizmente, quando inaugurou as visitas às autonomias pelos Açores, não quis deixar de fazer uma sessão solene nesta casa. Noutros sítios parece que não é assim.

Noutros sítios, o PSD, o velho PPD, onde o novíssimo dirigente Costa Neves tem uma das suas principais fontes de aspiração e de revigoração na Região Autónoma da Madeira, chama aos Deputados da oposição um “bando de loucos”.

Nunca faríamos essa injustiça à nossa oposição!

Até achamos que os nossos Deputados, quando se esforçam mais, até correm o risco de ser úteis (eu não só não digo uma atracção turística porque podia ser eventualmente mal interpretado)...

**Deputado Mark Marques (PSD):** Vindo de si, não levamos muito sério!

... e fundamentais à democracia. Todos falam! As sessões solenes ocorrem e o pluralismo existe!

Assim, também na comunicação social, Sras. e Srs. Deputados...

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** O senhor está tentando imitar, mas não consegue!

**O Orador:** Isto dói um bocadinho, Sr. Deputado Clélio.

... nunca, como nos últimos doze anos de autonomia, se viu, felizmente – basta abrir a nossa imprensa todos os dias – tanta opinião esclarecida (esperemos!), livre, informada, com tanta fonte, sobre críticas ao Governo, ao poder instituído, etc.

Felizmente, esse pluralismo é óptimo, porque mesmo que nalguns casos pareça (e aí não há nada a fazer, felizmente, graças à democracia nos órgãos privados) desequilibrado, a verdade é que os leitores e a opinião pública lêem e depois votam, o que significa que temos verdadeiramente cidadãos esclarecidos e com grande maturidade democrática.

Sr. Deputado Pedro Gomes, também li as partes essenciais desse relatório, como deve calcular. Fiquei um pouco desiludido, porque se é verdade que esse relatório tem a utilidade de ser o primeiro esforço e o primeiro estudo, em Setembro, Outubro e Novembro de 2007 (3 meses) de acompanhar o respectivo Telejornal, incluindo a RTP Açores, (os estudos são úteis e devem ser feitos!), a verdade é que os critérios que são usados são verdadeiramente duvidosos e faz-nos pensar nas críticas, que desde sempre existiram, aos critérios vagamente dirigistas, incompreensíveis, das entidades reguladoras.

O Sr. Deputado disse que tem que haver proporcionalidade nesse surgimento da Comunicação Social.

Sr. Deputado Pedro Gomes, veja se me consegue explicar uma coisa:



Como é que a proporcionalidade, no caso dos Açores, seria 50% para o PS e para o Governo e 48% para a coligação? – não sei se se lembram, mas eles falam de uma coisa a que chamam de coligação.

Por acaso essa “coisa moribunda” que deu pelo desacreditado nome de coligação teve 48% dos votos nos Açores?

Por acaso o Partido Socialista teve apenas 50% dos votos nos Açores? Quais são esses critérios?

Falha completa!

Segunda questão:

É evidente que em termos institucionais, o Partido Socialista é completamente diferente do Governo.

Os partidos têm outro tipo de intervenção social.

As notícias sobre o Governo são, necessariamente, notícias que têm um carácter institucional, que é feito de uma outra forma, não tem o cariz de luta partidária, de emoção, de parcialidade típico. Portanto, é completamente diferente.

Será que todas as notícias sobre o Governo, atendendo a alguns adjectivos que nós, por vezes, nos maravilhamos na nossa televisão e na nossa rádio públicas, são notícias que devem necessariamente ser tidas como favoráveis ao Governo?

Parece-me que não!

**Deputada Ana Isabel Moniz (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Parece-me que há aqui, como dizia Marco Coelho, verdadeiramente um exagero acerca da pertença parcialidade dessas notícias. Parece-me que sim!

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Da morte de quem? A versão de Marco Coelho é esta!

**O Orador:** Será que para isto não conta a sociedade civil?

Será que as instituições da sociedade civil, que têm por natureza (e isso não merece qualquer crítica) uma posição crítica relativamente à actividade governativa, não têm a sua influência?

**Presidente:** Agradecia que concluísse, Sr. Deputado.

**O Orador:** Sr. Presidente, vou fazer-lhe a vontade, até porque penso que vou voltar rapidamente.

Gostava só de terminar com este dado, da Entidade Reguladora, que é muito significativo.

Sr. Deputado, o relatório que referi, se bem me lembro, sobre os Açores diz isto:

De Setembro a Novembro de 2007, no Telejornal das 20 horas da RTP Açores, o PSD apareceu 90 vezes e o Partido Socialista 34.

Eu volto!

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes.

\* **Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Esta não é uma discussão sobre as percentagens ou sobre os números de aparecimentos.

**Deputado José San-Bento (PS):** É, é!

**O Orador:** Não é!

O relatório da Entidade Reguladora para a Comunicação Social apenas confirma aquilo que o senso comum, que a simples observação de um espectador mediano, pode ver. De facto, o Governo e o Partido Socialista têm, na antena da RTP Açores, uma sub-representação face à oposição democrática nos Açores.

Não é relevante saber se a performance do Governo e do Partido Socialista é 69%, se é 68 ou 63?

O que é verdade é que a oposição democrática dos Açores está sub-representada nos Telejornais e nos serviços informativos da RTP Açores no período em análise.

Não é apenas o PSD que diz isto. Ainda hoje, o líder do Partido Popular nos Açores escrevia um artigo de opinião, no Açoriano Oriental, em que dizia exactamente a mesma coisa.

Não é uma queixa só do PSD. É uma queixa da oposição nos Açores.

Os números valem o que valem. Este é um primeiro estudo desta natureza no país que terá naturalmente as suas deficiências, mas vem confirmar a percepção generalizada quanto aos critérios de representação político-partidária nos serviços informativos da RTP Açores.

Há aqui uma distinção fundamental. É que a oposição nos Açores entende, como entende a Entidade Reguladora para a Comunicação Social, que não tem uma visibilidade justa e proporcional à sua dimensão eleitoral e partidária.

O Partido Socialista, que tem maioria nesta câmara, que é maioritário nos Açores e que suporta o Governo, entende o contrário. Aliás, tanto entende o contrário, que em Fevereiro deste ano, numa resolução que apresentou a esta Câmara sobre o serviço público de rádio e

televisão, na primeira versão que apresentava, dizia expressamente que a RTP devia melhorar, em termos quantitativos e qualitativos, a cobertura noticiosa da actividade dos órgãos de Governo próprio.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Qual é a contradição?

**O Orador:** Não era do Parlamento, era dos órgãos de Governo próprio, do Governo que ele apoia. Portanto, achava que o Governo ainda estava pouco representado nos telejornais e nos serviços informativos da televisão.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Para o que faz, está!

**O Orador:** Não vou aqui comentar, nem trazer a esta câmara os comportamentos do Partido Socialista, deste Partido Socialista, que expulsa jornalistas desta Região de conferências de imprensa.

**Deputados Clélio Meneses e Mark Marques (PSD):** Muito bem!

**Deputado Nuno Amaral (PS):** Deve ter recebido essa informação via telefone!

**O Orador:** Eu não vou fazer isso, porque estou preocupado com outras questões e quero que o debate decorra de outro modo e de outro nível.

O que é verdade é que é indesmentível, aos olhos de todos os açorianos, que o PS e o Governo têm demasiado tempo de antena nos órgãos de comunicação social da Região.

Aliás, esta bancada está à espera para ver como vai ser a cobertura do Partido Socialista este fim-de-semana, para comparar a cobertura do Congresso do Partido Socialista com a cobertura do Congresso do PSD, para ver como é que estão os critérios jornalístico. Estaremos atentos, porque faz parte do papel de fiscalização deste Parlamento.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Acha que deve ser igual?

**O Orador:** Aliás, faz parte do papel de fiscalização deste Parlamento apreciar o cumprimento do serviço público de televisão nesta dimensão, porque, se não fosse assim, o Partido Socialista não teria votado na passada Segunda-Feira, como o PSD votou, a resolução do CDS/PP para que a Comissão de Assuntos Parlamentares deste Parlamento apreciasse o exercício do serviço público de televisão nos Açores e fizesse um relatório a apresentar a esta Câmara.

Afinal, o Partido Socialista que hoje fala aqui pela boca do Sr. Deputado Francisco Coelho, líder parlamentar e excelentíssimo Deputado, não é o mesmo Partido Socialista que há dois dias atrás na Comissão, votou favoravelmente a resolução do CDS/PP?

Estamos ou não preocupados com o cumprimento e com as obrigações de pluralidade do serviço público, que deve respeitar primordialmente também a pluralidade que a sociedade açoriana tem e a pluralidade parlamentar que este Parlamento reflecte na sua composição? Essa é que é a questão e é esta questão que o Sr. Deputado Francisco Coelho e o Partido Socialista não deram resposta.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

\* **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Pedro Gomes:

Nada de confusões!

Uma coisa são os critérios que a Entidade Reguladora para a Comunicação Social apresentou, em que nenhum deles é substantivo, nenhum deles é de mérito, não se percebe as proporcionalidades, outra coisa é, embora seja difícil, pugnarmos pela existência de critérios e pela existência e garantia de pluralismo, de cobertura dos órgãos de Governo próprio, de cobertura plural político-partidária, por parte dos órgãos de comunicação social, designadamente e sobretudo os públicos que têm essa obrigação.

Aliás, nesse aspecto foi V. Exa. muito feliz lembrar, porque é bom dar a cada um o seu, que foi o Partido Socialista que aprovou, na Assembleia da República, sob proposta desta casa, essa possibilidade de audição anual dos Directores Regionais dos Centros de Rádio e Televisão.

Foi o Partido Socialista que nesta casa accionou pela primeira vez, e pela primeira vez até agora nas Autonomias (na Madeira não é preciso!), esse mecanismo.

Foi o Partido Socialista que na sequência dessa audição tirou conclusões e apresentou uma proposta de resolução cuja pertinência obviamente mantém e não está sozinho porque também na sequência de todos estas diligências parlamentares o CDS/PP entendeu, e bem, dar uma continuidade, que nos parece lógica, relativamente a todo este trabalho e que por isso mesmo mereceu, e muito bem, na respectiva Comissão, a aprovação do Partido Socialista.

Não é a questão de critérios, Sr. Deputado, que está em causa. Nós queremos, e achamos que é possível, melhorar em quantidade e qualidade, a cobertura dos órgãos de Governo próprio, principalmente deste Parlamento.

Achamos que esta preocupação deve ser permanente, exigente e deve continuar.

Gostaríamos, por exemplo, de saber (mas não fazemos queixinhas!) por que é que o PS com 57%, se não estou em erro, dos votos, tem 34 notícias em 3 meses e o PSD com 30 e qualquer coisa, tem 90? Gostaríamos muito de saber! E havemos de saber! Temos de apurar isto!

Sr. Deputado Pedro Gomes, é preciso ter direito e liberdade de criticar, mas é preciso também respeitar.

Portanto, parece-me que o PSD, fazendo-se de vítima, corre seriamente o risco de estar a fazer uma forma de pressão ilegítima sobre os órgãos públicos e a derrota já começa a ter explicações: deve ser por causa da cobertura da rádio e da televisão.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

\* **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Muito telegraficamente porque a oposição e as minorias têm muito pouco tempo, mas não podia deixar de dizer o seguinte:

Ao CDS/PP interessa o serviço público de rádio e televisão nos Açores e por isso mesmo fizemos aprovar, e foi aprovada, uma resolução nesta casa: serviço público na sua globalidade e naquilo que ele quer dizer na sua substância.

Também para dizer que a democracia não se mede a metro, nem tem quotas e é isso que este relatório vem impor, medidas a régua e a esquadro e quotas.

Portanto, este critério é, no nosso entender, absolutamente ridículo e anti-democrático, até porque fala de uma coisa que rigorosamente hoje em dia não existe, que foi a coligação Açores à qual o CDS se orgulha de ter pertencido.

Depois, é preciso contar. Por que é que só se conta o Parlamento e o Governo?

E as câmaras?! Os Presidentes de Câmara?! As Juntas de Freguesia?! As Autarquias?! Os Sindicalistas?! Os Sindicalistas com ligações políticas?! As juventudes partidárias?! Esta gente não conta para as quotas?!

É um critério absolutamente esdrúxulo e que nós discordamos totalmente e que todos, democraticamente, temos que fazer um esforço para acabar com aquele critério. Uma Entidade Reguladora não é uma entidade que anda de régua e esquadro. De entidades como a ASAE está o país farto! Não precisamos!

O que me entristece nisto tudo foi aquilo foi aprovado na Assembleia da República. Quanto a isso não posso fazer nada!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes.

\* **Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A qualidade da democracia também se mede pela qualidade da liberdade de imprensa, pela qualidade da liberdade dos jornalistas exercerem a sua profissão e também se mede pela capacidade que os jornalistas e os órgãos de comunicação social têm de resistirem às pressões feitas pelo poder político.

É preciso repetir e com toda a clareza para que fique bem audível:

Nunca como nestes doze anos de governação do Partido Socialista houve tantas pressões por parte do Governo...

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Isso é mentira! Isso é boato! Aliás, o senhor não tem vergonha nenhuma ao dizer isso ou então não tem memória!

**O Orador:** Quando o Sr. Deputado Francisco Coelho diz que o Partido Social Democrata com esta intervenção está a querer fazer pressão sobre os órgãos de comunicação social...

**Deputado Francisco Coelho (PS):** E está! Definitivamente está!

**O Orador:** ... esquece-se do seu passado, esquece-se da prática deste Governo que leva doze anos de existência.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Qual é o meu passado?

**O Orador:** O seu passado, o passado do seu partido, o passado do Partido Socialista.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Os senhores passam o dia aí a telefonar para os jornalistas! Até aqui!

**O Orador:** A qualidade da democracia mede-se também pela qualidade da liberdade de imprensa.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Olhe, o senhor é um especialista nisso! Também aprendeu no Palácio na Conceição!

**O Orador:** É preciso dizer que em matéria de pluralismo nos órgãos de comunicação social públicos na região há muito caminho para fazer, há muito caminho para andar.

Não estamos no nível desejado.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Vá para a Madeira, Sr. Deputado!

**O Orador:** É preciso repetir, porque o Sr. Deputado Francisco Coelho também sabe, mas não diz, diz apenas o que lhe convém, e já agora que está insistentemente a referir a Madeira, eu sempre direi que a Entidade Reguladora para a Comunicação Social neste mesmo relatório e a propósito da Madeira, diz o seguinte.

“Entre notícias, telejornais diários e serviços informativos não diários, o PSD e o Governo Regional da Madeira têm apenas 59.79%”.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** O que só abona acerca dos critérios da Entidade Reguladora!

**O Orador:** “Os dados relativos aos Açores são os piores de todo o país em matéria de pluralismo de informação na RTP Açores no período analisado.”

Essa é que é a verdade e não há argumento da Madeira que possa valer ao Sr. Deputado Francisco Coelho, porque neste particular, também não chegámos à Madeira.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Não, não chegámos!!!

**O Orador:** Por muito que isso custe ao Partido Socialista e ao Sr. Deputado Francisco Coelho, a verdade é que este relatório, independentemente dos critérios que usa, independentemente dos números que reflecte, traduz uma verdade insofismável e que custa ao Partido Socialista aceitar. É que o Partido Socialista e o Governo têm uma representação excessiva face à representatividade da oposição nos Açores.

Muito obrigado.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** É demitir o povo e eleger outro!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente, é para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** Está concedido.

Os nossos trabalhos estão suspensos por 30 minutos.

*Eram 16 horas e 45 minutos.*

**Presidente:** Srs. Deputados e Srs. Membros do Governo:

Vamos reassumir os nossos lugares para continuarmos.

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado António Loura.

Pedia ao Grupo Parlamentar para o fazer substituir na Mesa.

*(O Deputado António Loura foi substituído na mesa pelo Deputado Henrique Ventura)*

**Deputado António Loura (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Permitam-me Sr. Presidente da Assembleia, Sra. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, que me dirija à Delegação mariense que hoje, aqui, se encontra a assistir aos nossos trabalhos.

É para mim uma honra e um privilégio, poder cumprimentar-vos desta tribuna, na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, primeiro Órgão do Governo Próprio do Regime Autónomico Açoriano.

Estou certo que com a vossa visita, ficarão seguramente mais esclarecidos sobre como funciona esta Assembleia, como se organizam os diferentes partidos políticos com assento neste Parlamento Regional, como são apresentados e discutidos os temas trazidos pelos Deputados e como são debatidas e aprovadas as propostas e projectos de Decreto Legislativo Regional, que têm reflexos no quotidiano de todos os Açorianos.

Gostaria, ainda, de aproveitar o momento para cumprimentar o senhor José Humberto Chaves, ex-Deputado desta casa, organizador e responsável pela deslocação desta comitiva mariense, pela ideia de motivar e trazer a esta Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, uma significativa delegação da nossa ilha.



Bem hajam.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O dia 9 de Março de 2008 será uma data de referência na História de Portugal dos Açores e da Ilha de Santa Maria, como um tempo de mudança, de esperança e de novas oportunidades.

Na madrugada do dia 9 de Março a Estação de Rastreio da ESA, localizada na Ilha de Santa Maria, acompanhou pela primeira vez o lançamento do foguetão Ariane-5 da Agência Espacial Europeia (ESA), lançado na Guiana Francesa e que transportou o primeiro Automated Transfer Vehicle (ATV), levando mantimentos, combustível e todo o material necessário ao funcionamento da Estação Internacional Espacial e para os astronautas que lá estão nesta estação.

Para Portugal, por ser o dia em que o País passou a fazer parte do grupo restrito de países que acolhem no seu território infra-estruturas de Tecnologia Espacial.

Para os Açores, porque o colocam no mapa mundial de referência estratégica no desenvolvimento da Era Espacial e para Santa Maria, em particular, num momento de oportunidade porque já acolhe técnicos altamente qualificados e que no futuro serão mais e muito contribuirão para o desenvolvimento da Ilha, para além de, dinamizarem a economia local, ou, pelos projectos que vão gravitar em torno da estação da ESA na nossa ilha.

O primeiro lançamento que foi acompanhado pela estação de Santa Maria levou o ATV, baptizado de “Jules Vernes ”destinado a reabastecer a Estação Espacial Internacional, tendo sido lançado a partir da Guiana Francesa, a bordo do foguetão “Ariane -5”.

Esta é a primeira estação da ESA que é capaz de seguir os lançadores durante todas as fases de propulsão e receber dados em tempo real durante todas as fases e os eventos críticos do voo.

Para além de fazer o rastreio dos lançamentos do foguetão “Ariane- 5”, no futuro, a estação, receberá telemetrias de outros lançadores como é o caso dos foguetões Vega e Soyouz e recepção e envio de dados, nomeadamente no caso do projecto CleanSeaNet da Agência Europeia de Segurança Marítima, que detecta derrames de petróleo por satélite. A Estação

de Santa Maria dará suporte ao projecto MARISS (Maritime Security Service), que faz parte do programa da União Europeia GMES (Global Monitoring for Environment and Security), suportado pela ESA.

Esta estação vem dar um novo passo para a afirmação de Portugal no Atlântico através dos Açores, projectando objectivos de interesse regional e nacional como, entre outros, o do Livro Verde dos Oceanos; o da mobilização de recursos para apoiar a Agência Europeia de Segurança Marítima, sediada no nosso País; e o da melhoria das capacidades de monitorização das pescas, os quais permitem a ocupação e gestão do espaço imenso da Zona Económica Exclusiva dos Açores.

Através deste projecto, a Região apoiará financeiramente o desenvolvimento de um novo projecto para Santa Maria, a ser implementado pela EDISOFT, relativo à monitorização e vigilância do Atlântico Norte. Trata-se do Centro Nacional de Monitorização e Vigilância Marítima, que terá como objectivo desenvolver um sistema de observação, monitorização e vigilância da Zona Económica Exclusiva açoriana, utilizando, entre várias fontes de informação, as técnicas actuais de detecção remota por satélite.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Reconhecendo a importância do momento, deslocaram-se a Santa Maria o Presidente do Governo Regional, o Secretário Regional da Habitação e Equipamentos e o Director Regional das Obras Públicas e dos Transportes Terrestres.

Foi considerado pelo Presidente do Governo, o facto da Região estar a desempenhar um papel reservado a muito poucos lugares no mundo pelo êxito que coroou a operação.

Afirmou ainda que, se trata de um dia especialmente sensível para a história dos Açores referindo também: que o momento era de relevante significado nos processos de modernização e de qualificação dos Açores, que se consubstancia na atracção, aprovação e instalação de projectos estruturantes e inovadores que garantem novas oportunidades e novas referenciações de desenvolvimento na nossa Região, que integra o modelo estratégico do desenvolvimento dos Açores.

Lembrou também, que a estação da ESA permite ancorar nos Açores um conjunto de investimentos no âmbito das tecnologias espaciais, lembrando ainda, que o primeiro exemplo será já no próximo mês, com o início da instalação de uma nova estação, da

EDISOFT, a qual constituirá o embrião de um centro nacional de vigilância marítima do Atlântico Norte.

Os Açores estão, de resto, a fazer um esforço muito intenso na instalação e utilização de tecnologias espaciais e nas comunicações em geral, de salientar ainda, que está a ser concluída a cobertura integral da Região de estações de GNSS – tecnologia muito importante na área da topografia e da cartografia – e a possível instalação, na ilha das Flores, de uma antena de detecção remota, com fins geodésicos e astronómicos, em resultado de negociações que decorrem com o instituto geográfico nacional da Espanha.

Os Açores – depois de referenciados pela sua importância, ao longo dos tempos, na navegação marítima e aérea – assumem agora uma nova dimensão, monitorizando missões espaciais e, desse modo, tipificando-se como região de instalação e utilização de tecnologias de ponta, potenciando a sua localização geo-estratégica com produtos concorrentes e com valor para a economia, o mesmo é dizer para o nosso futuro.

Disse.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS, dos Membros do Governo e do Deputado Independente)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Sérgio Ferreira.

\* **Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, uma saudação muito especial aos ilustre marienses que hoje nos honram com a sua presença.

Quanto à sua intervenção, Sr. Deputado António Loura, relembro aqui o que disse em Janeiro aquando da inauguração desta obra. Passo a citar:

“Saúda-se, como não poderia deixar de ser, a concretização desta obra, marco histórico, por aquilo que representa para a ilha, para os Açores e, sem dúvida, para Portugal.

Necessário é, que o Governo entenda que a Estação é em Santa Maria, é Santa Maria que necessita urgentemente de investimento e da consequente criação de postos de trabalhos e que, portanto, deverá ser incentivada a fixação de empresas na ilha, não querendo com isto dizer, como é óbvio, que não se desenvolvam projectos noutras ilhas.

O que não queremos é que por falta de incentivo ou devido a estratégias que não tenham em conta princípios como a coesão, Santa Maria fique com as antenas e com as mesmas dificuldades e que o desenvolvimento se concentre noutra qualquer” – fim de citação.

É aqui que reside o problema, é na maior ou menor capacidade deste investimento potenciar a criação de empresas na ilha. Notariedade, já temos bastante, Sr. Deputado, por via do aeroporto, do Controlo Oceânico, ou até da famigerada Zona Franca.

Mas a verdade é que Santa Maria vive neste momento uma das fases menos boas da sua história e não vale a pena iludir a realidade.

A nossa economia está cada vez mais débil e por via disso a capacidade de fixação da população é cada vez menor. Esta é que é a nossa realidade e é isto que urge resolver, sem demagogias e certamente com muito menos propaganda.

**Voices dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD e do Deputado Independente)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Loura.

\* **Deputado António Loura (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Sérgio Ferreira:

Obrigado pelas considerações que fez referentes à minha intervenção.

Relativamente àquilo que nos disse, e já tinha sido referido em Janeiro, concordo consigo. Efectivamente, neste momento, em Santa Maria, as coisas não estão tão boas ou tão claras como gostaríamos de ter como tínhamos em tempos passados.

Hoje, os tempos são outros.

Os interesses da instalação de empresas depende muito, como se sabe, dos interesses de cada uma das empresas.

O importante é que já temos a instalação da Estação de Rastreio. Muitos outros projectos, se calhar, como dizia na minha intervenção, andarão à volta dessa Estação.

Vamos ter gente altamente qualificada que vai estar connosco.

Em termos daquilo que é a possibilidade de termos mais jovens marienses integrados nessas empresas, como sabe, têm que ser técnicos altamente qualificados. Tanto assim é que neste momento tenho conhecimento que alguns jovens marienses integram já empresas parceiras

da EDISOFT de maneira a que, aos poucos, se calhar, vai aparecer-nos, em Santa Maria, alguns técnicos marienses.

O tempo o dirá. Seguramente quem vai beneficiar mais com isso serão os nossos hoteleiros, os nossos empresários de restauração, de rent-a-cars e de outras empresas similares.

Seguramente, em termos daquilo que é a nossa grande preocupação neste momento, que é a criação de empregos, não vai ser a Estação da ESA que vai resolver os nossos problemas, mas de qualquer modo é uma referência importante para a ilha, é um momento importante, porque passamos a lidar com pessoas com muitas qualificações e o futuro dirá como vamos crescer.

Temos que ir fazendo e pensando o nosso dia-a-dia passo a passo, no sentido de podermos, cada vez mais e com mais abrangência, termos gente qualificada connosco e termos cada vez mais marienses integrados. Não quer dizer que seja na área da Estação da ESA, mas noutras empresas que andarão à volta da Estação.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Sérgio Ferreira.

\* **Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado António Loura:

A Estação é importante para a ilha. Eu já disse isso e penso que estamos todos de acordo, que é pacífico.

Agora, não se exagere é na importância da Estação para a ilha, porque não é necessário fazer uma manobra de propaganda tão grande como fizeram, por causa de uma Estação que realmente até agora não trouxe nada de novo, nem vai trazer.

**Secretária Regional do Ambiente e do Mar (Ana Paula Marques):** Isso não é verdade!

**O Orador:** A Sra. Secretária não se excite!

O senhor sabe perfeitamente que a EDISOFT vai fazer a maioria dos investimentos em São Miguel.

Acho que não se deve perder o investimento pelo facto da EDISOFT querer fazer em São Miguel e não querer fazer em Santa Maria.

Agora é preciso que o Governo diga claramente o que é que pretende com aquela Estação para Santa Maria e se ela é ou não um pólo de desenvolvimento, porque notoriedade em termos de ciência, em termos de estarmos aliados à época espacial, estamos todos de acordo.

Agora, não estamos de acordo é se aquilo vai potenciar desenvolvimento em Santa Maria ou não. É isso que é preciso dizer aos marienses sem demagogia e sem propaganda.

Não é pelo facto do Sr. Presidente ir de avião para Santa Maria ver o lançamento do foguetão, que vai haver maior desenvolvimento, porque isso corresponde a uma dormida, uma noite, num hotel.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Loura.

\* **Deputado António Loura (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Sérgio Ferreira:

Não sendo criadas empresas, como gostaríamos que fossem, em Santa Maria, o que é certo é que neste momento Santa Maria já está a beneficiar da Estação.

Tem técnicos que estão lá a residir, que são pessoas que têm que usar os nossos hotéis, os nossos restaurantes.

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Já não estão! Já estiveram!

**O Orador:** Relativamente àquilo que seria o ideal, não vamos conseguir ter em Santa Maria. Teremos outras empresas que se irão associar e trabalhar juntamente com a Estação, é isso que temos que acordar.

Esta Estação de rastreio em Santa Maria não vai ser a “galinha dos ovos de ouro”.

**Deputado Sérgio Ferreira (PSD):** Ah! Então não vai ser! Assim estamos de acordo!

**O Orador:** Agora, que vai trazer desenvolvimento, que vai trazer mais empregos, vai, porque outras empresas, que vão prestar outros serviços vão ter necessidade de aumentar possivelmente os seus quadros de pessoal.

Por outro lado, o Governo continua atento a todos os momentos em que possa canalizar para os Açores mais instrumentos de tecnologia de ponta, como aconteceu ontem, em que o Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos teve em Bruxelas a assinar o Programa ERENEUS e como vai acontecer em Junho o Congresso de Telecomunicações em Santa Maria.

Portanto, são pequenas coisas e é desses pequenos passos e momentos que vamos ter que ir construindo o nosso futuro.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Uma jovem inglesa enfrentou a oposição da família e teve sérias dificuldades em os convencer que cuidar de doentes era uma missão importante e meritória, digna de qualquer pessoa, independentemente da sua origem familiar.

Florence Nightingale, com o seu trabalho nos hospitais de campanha da guerra da Crimeia (1853-1856), demonstrou que cuidar bem requeria atitudes, técnicas e decisões próprias. Evidenciou que cuidar era também uma profissão.

Nasce a Enfermagem.

A partir dessa altura, a Enfermagem foi-se afirmando ao longo dos tempos, ganhou credibilidade e respeito e hoje é indispensável em qualquer sistema de saúde moderno e eficiente.

Isso mesmo foi reconhecido pela Organização Mundial de Saúde, no ano 2000, através da Declaração de Munique.

De facto, em muitos trabalhos e estudos internacionais, a Enfermagem distingue-se como uma das profissões a que se atribui um crescente papel de modernização dos cuidados de saúde, em total sintonia com a própria evolução científica da profissão clínica.

Face a uma complexidade crescente dos problemas relacionados com a saúde, os enfermeiros são considerados elementos fundamentais nas estratégias e reformas a implementar.

É irrefutável que promover o desenvolvimento científico e clínico da Enfermagem traz evidentes benefícios para todos.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

A Enfermagem foi, segundo alguns especialistas, uma das áreas da Saúde que maior evolução teve em Portugal, nos últimos vinte anos.

Assim também aconteceu nos Açores, devido, em muito, ao excelente nível de ensino ministrado nas nossas Escolas Superiores de Enfermagem, que contribuiu para a formação de profissionais altamente qualificados.

A aposta numa formação de qualidade em Enfermagem enriqueceu, sem dúvida, o mundo da Saúde, proporcionando às populações mais e melhores cuidados de saúde.

Ao longo dos anos evidenciou-se, cada vez mais, a importância da Enfermagem na prestação de cuidados de saúde e constata-se que a escassez de enfermeiros qualificados e experientes aumenta o risco e coloca em causa o sucesso das unidades prestadoras de cuidados de saúde.

Mas bem pior do que a escassez, talvez seja existirem enfermeiros disponíveis e não serem convenientemente aproveitados, como pode vir a acontecer na nossa Região.

Ficamos naturalmente preocupados quando os nossos enfermeiros vão procurar emprego na Europa e, ainda mais preocupados, quando assistimos a uma autêntica “OPA”, por parte de um país rico, aos enfermeiros açorianos, formados nas nossas escolas.

Não podemos permitir que os Açores se transformem em “exportadores” de enfermeiros a “custo zero” para a Europa e Estados Unidos.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O CDS-PP não se limita a dizer que há desemprego na classe de Enfermagem e a fazer a crítica pela crítica, sem apresentar soluções consistentes, exequíveis e a favor dos Açorianos.

Somos a oposição construtiva e, por isso, também apresentamos as soluções.

E uma das soluções para promover o emprego na classe e melhorar qualitativa e quantitativamente a prestação de cuidados de saúde aos Açorianos é justamente a criação nos Açores da figura do “Enfermeiro de Família” ou “Enfermeiro de Saúde Comunitária”.

O “Enfermeiro de Família” já existe em alguns países com resultados muito positivos e benefícios para as populações.

A Organização Mundial de Saúde, através da Declaração de Munique, reconhece esta realidade e define claramente quais as funções do “Enfermeiro de Família”, nomeadamente: É responsável por um conjunto de famílias, sendo sua função “contribuir de maneira muito útil nas actividades de promoção da saúde e prevenção da doença, para além das suas funções de tratamento”;



Tem também por missão “ajudar os indivíduos e famílias a adaptarem-se à doença e à incapacidade crónica e empregar uma grande parte do seu tempo junto dos doentes e famílias, no domicílio destes, nomeadamente, em períodos de crise”;

Também “Deverão fazer aconselhamento sobre os modos de vida e factores de risco, ligados aos comportamentos, bem como ajudar as famílias em questões ligadas à Saúde”;

E “Ao detectar precocemente os problemas podem favorecer a tomada de consciência sobre os problemas de saúde familiar”;

Podem “contribuir para o encurtamento das hospitalizações ao prestarem cuidados de enfermagem às pessoas, nos seus domicílios”;

E podem ainda “desenvolver o papel de ligação entre a família e o médico, assumindo a responsabilidade, quando as necessidades identificadas reclamem expressamente cuidados de enfermagem”.

Conhecendo a organização dos serviços de saúde e apoio social, bem como as situações sociais e de saúde da família, estes profissionais estão devidamente habilitados a avaliar a envolvimento sócio-económica-cultural, com repercussões ao nível da saúde e encaminhar os seus utentes para a instituição adequada.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O “Enfermeiro de Família” seria então responsável por um grupo de famílias, combinando actividades de promoção da saúde e de prestação de cuidados, actuando no seio da família e da comunidade, em articulação com todos os sectores.

Este papel multifacetado e a proximidade das famílias colocam o enfermeiro em situação privilegiada para constituir a ligação entre todos os profissionais que intervêm no processo dos cuidados de saúde.

Com a criação de “Enfermeiros de Família” nos Açores reorientam-se os cuidados de saúde do hospital para a comunidade, correspondendo tais cuidados comunitários a uma significativa racionalização de custos e a maiores ganhos em saúde.

A família é o contexto que potencia as mudanças de comportamentos e a evolução da saúde, pelo que faz sentido ser aí o palco privilegiado da actuação do enfermeiro.

A existência de um “Enfermeiro de Família” promove um apoio fundamental à família que tem um doente no seu domicílio.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Este projecto transversal à Sociedade Açoriana é, com certeza, um pequeno custo para o Serviço Regional de Saúde, mas um grande ganho para a saúde dos Açorianos.

O CDS-PP considera que a reforma dos cuidados primários de saúde é fulcral e está ainda por fazer nos Açores. E essa reforma é imprescindível para resolver os problemas na área da saúde.

É por isso que consideramos que a implementação do “Enfermeiro de Família” é um primeiro passo, mas decisivo, para o projecto de reforma dos cuidados primários de saúde que o CDS-PP defende e para isso vai propor medidas adequadas para essa reforma.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Henrique Silva.

\* **Deputado Luís Henrique Silva (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, na qualidade de profissional, queria agradecer as palavras do Sr. Deputado Artur Lima no que diz respeito à profissão de enfermagem.

Fazendo um enquadramento da profissão nos cuidados de saúde primários, não poderia deixar de referir aqui um aspecto que me parece muito importante, no que diz respeito aos cuidados de saúde a uma política de proximidade.

As políticas de proximidade não têm tido muito cuidado por parte da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais. Julgo que temos que ter aqui algum cuidado em implementar na área dos cuidados de saúde primários. A actuação dos enfermeiros vai desde a intervenção, numa fase aguda, numa área de crise, como são o SAP ou os Serviços de Urgência, até à educação para a saúde, aquela que é a base e é aquela onde se deve prevenir.

Sobre esta matéria julgamos que deveria existir por parte da tutela um maior cuidado.

Como foi referido aqui, faz sentido que haja por parte da tutela um maior incremento na fiscalização daquilo que se faz para que haja uma maior harmonia.

Temos situações tão díspares como Centros de Saúde que têm médicos que não fazem consultas, como temos Centros de Saúde com falta desses profissionais.

Há que nivelar mais, nivelar pela qualidade, fazer com que os cuidados que chegam à população – e esses sim, é que fazem sentido – sejam cuidados com maior qualidade, com maior incremento e humanização.

De facto, formar enfermeiros e depois aconselhá-los a ir trabalhar para o estrangeiro, é uma atitude própria de quem tem muito dinheiro, é uma atitude própria de quem gere mal alguns recursos.

Nas nossas ilhas, ainda temos necessidade de mais profissionais de enfermagem. Nos nossos lares, há necessidade de profissionais de enfermagem e aquilo que se está a anunciar são diplomas que visam cada vez mais absorver profissionais de enfermagem.

Aquilo que se nota é cada vez mais profissionais de enfermagem sem trabalho.

Acho que esta é uma dicotomia que deveria ser resolvida. Faz sentido que se resolva este problema e faz sentido que se actue melhor e de uma forma a que os cuidados de saúde, os cuidados de proximidade, esses sim, cheguem às populações e que apareçam os resultados e não só as intenções.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Deputados José Manuel Bolieiro e Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional dos Assuntos Sociais.

\* **Secretário Regional dos Assuntos Sociais (Domingos Cunha):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Relativamente à questão e à proposta que aqui foi lançada pelo Sr. Deputado Artur Lima, ela vem na sequência daquilo que tem sido a intenção da própria Ordem dos Enfermeiros de criar a figura do Enfermeiro de Família. Já houve algumas experiências nesse sentido, embora não totalmente bem conseguidas.

Com certeza que para o Serviço Regional de Saúde é indiscutivelmente uma mais valia, por isso também me cabe aqui prestar uma homenagem a todos os profissionais de enfermagem que exercem a sua actividade na Região, desde os Centros de Saúde, Unidades de Saúde de Ilha e hospitais, como também aqueles que exercem no âmbito da sua actividade privada em outras instituições de saúde ou de solidariedade e segurança social.

Em resposta ao Sr. Deputado Luís Henrique, gostaria que o senhor explicasse o que entende por cuidados de proximidade?

Nesta Legislatura o Governo permitiu o ingresso de 419 enfermeiros novos no Serviço Regional de Saúde e vai permitir sempre o ingresso, com uma condição, que é aquela que também já referimos. Essa condição saiu, há dois anos, do Conselho do Governo de Santa

Maria, quando o Governo descongelou o maior número de vagas para o ingresso de enfermeiros, que foram 216, recomendadas às Unidades de Saúde e que para os enfermeiros que já estão nessas Unidades de Saúde, seja no Centro de Saúde, Unidades de Saúde de Ilha ou hospitais, se reduza os horários acrescidos e as horas extraordinárias.

Há medida que as Unidades de Saúde têm vindo a reduzir as horas extraordinárias e os horários acrescidos aos senhores enfermeiros que estão nos quadros nessas Unidades de Saúde, tem sido permitido contratar mais enfermeiros para os Centros de Saúde.

O ano passado os Centros de Saúde deram como necessárias a existência de 32 lugares para contratar novos enfermeiros e foram autorizados 50 descongelamentos para enfermagem. Os hospitais disseram que tinham necessidade de 84 e foram autorizadas 120, o que quer dizer que a redução dos horários acrescidos e de horas extraordinárias permitiu fazer a admissão dos novos enfermeiros. É esta a grande aposta.

Se conseguirmos atingir isso, com certeza que os enfermeiros terão o seu trabalho garantido nos Serviços de Saúde da Região, porque cada vez mais, hoje é preciso trabalhar em equipa e consideramos que os enfermeiros são um elemento fundamental na prestação de cuidados, sejam eles cuidados de proximidade, sejam eles cuidados essenciais, sejam eles cuidados diferenciados, de continuidade ou recuperação.

Por isso, com certeza que o Governo tudo fará para admitir o maior número de enfermeiros que seja necessário para melhorar a prestação de cuidados à população açoriana.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima. Dispõe de 2 minutos.

\* **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Esta oposição tem sempre pouco tempo.

Muito rapidamente para dizer que a figura do enfermeiro de família não é nova. Em Portugal já se falou nisso. Aliás, o enfermeiro de família já existe no Canadá e na Finlândia e por isso é que eles têm bons níveis de cuidado de saúde.

O CDS foi e pretende ser inovador e ter a iniciativa de propor, pela primeira vez, que seja criada a figura nos Açores, a bem dos açorianos, a favor dos açorianos, construtivamente, para eles terem melhores cuidados de saúde, porque é um profissional que actuando junto da família complementa a sua actividade com o médico de família e pode facilmente detectar as situações precocemente, sobretudo nos idosos, e até nos idosos acamados, evitando hospitalizações que saem caríssimas.

Um idoso que fique hospitalizado 30 dias num hospital, dá para pagar o ordenado daquele enfermeiro.

Esse sim, é um grande passo nos cuidados de proximidade que nós defendemos e essa é – já o disse aqui e volto a dizê-lo – a nossa primeira proposta para um contributo para a reformulação dos cuidados primários de saúde que nós queremos que se faça nos Açores e que é importante que seja feita.

O nosso mérito foi ter a iniciativa e sermos inovadores ao propor o enfermeiro de família, porque o médico de família também não foi inventado nos Açores e não precisamos inventar nada, apenas temos que saber aplicar. O que é bom e deu bons resultados nos outros países também há-de dar na nossa região.

Muito obrigado, Sr. Presidente, pela sua tolerância.

A partir de agora não posso falar mais.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Luís Henrique Silva.

\* **Deputado Luís Henrique Silva (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Secretário Regional dos Assuntos Sociais:

Acho curiosa a sua pergunta sobre o que são os cuidados de proximidade, quando todos sabemos essa definição.

O nosso objectivo é levar os cuidados, levar a educação e prevenção para a saúde junto das populações, para prestarmos os cuidados junto das populações. Sobre isso julgo que não há dúvidas.

O Sr. Secretário referiu que houve experiência sobre o enfermeiro de família. Já agora deixo-lhe a pergunta:

Vai ou não implementar essas medidas? O que é que acha dessa experiência que foi feita?

Já agora, partilhe connosco os resultados.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional dos Assuntos Sociais.

\* **Secretário Regional dos Assuntos Sociais (Domingos Cunha):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Com certeza que a proposta do CDS/PP vem com o mérito que reconhecemos. Reconheci isso.

Relativamente às experiências dos enfermeiros de família, gostaria de dizer que uma das primeiras experiências que foi criada e testada nesse sentido foi no Centro de Saúde de Angra do Heroísmo.

Posso dizer-lhe que algumas dessas experiências correram bem, mas houve outras que não correram nada bem. Porquê? Porque as mentalidades nessa altura e as condições eram outras. Por isso, hoje, a evolução e as evidências nas carreiras e nas competências que cada um dos profissionais que estão envolvidos nessas equipas tem é completamente diferente. Temos que reconhecer isso.

Acredito seriamente que seja possível reactivar esta figura no sentido de aplicá-la na Região, mas defendo particularmente a integração de uma equipa em que essas figuras se complementem e que cada uma tenha a sua actuação e intervenção específica no sentido de facilitar, por um lado, a prestação de cuidados, por outro lado, o facilitar essa prestação de cuidados vai melhorá-los de certeza absoluta, não tenho dúvidas sobre isso.

Obrigado.

**Presidente:** Srs. Deputados, encerrado este debate, passamos à nossa Agenda da Reunião com a continuação da **Proposta de Decreto Legislativo Regional – “Regime Jurídico de Gestão dos Imóveis do domínio privado da Região Autónoma dos Açores”**.

Pedia a vossa atenção para o seguinte:

Já tínhamos aprovado, na generalidade o diploma.

Também já tínhamos aprovado uma proposta de alteração e estávamos na segunda proposta que vinha do PSD e que era um aditamento, o artigo 11º-A.

Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes para explicar o *rácio legis* deste aditamento.

\* **Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Breves palavras para explicar esta proposta de aditamento.

O Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata apresenta esta proposta de aditamento à Proposta de Decreto Legislativo Regional sobre o Regime Jurídico da Gestão dos Imóveis do domínio privado da Região, com o seguinte alcance e objectivo:

Entendemos que, por convicção, por dever e por opção, o Governo Regional deve apresentar a esta Assembleia Legislativa um relatório anual sobre a aquisição, oneração e

alienação dos bens imóveis do domínio privado da Região e do Estado e dos seus institutos públicos.

Justifica-se esta opção e esta proposta de aditamento do Partido Social Democrata em razão da necessária transparência das relações do Estado, neste caso da Região, dos institutos públicos e dos privados e com a necessidade da Assembleia tomar conhecimento e acompanhar todos os actos de gestão que importem uma deslocação patrimonial da Região ou dos institutos públicos para entidades privadas.

Isto justifica-se também, adicionalmente, pelo facto da Assembleia tomar as contas da Região, fazer a sua apreciação, fazer uma fiscalização da actividade do Governo e da Administração Pública e na medida em que estes actos que importam a deslocação patrimonial da esfera jurídica da Região ou dos institutos públicos para entidades privadas, ou que importam a constituição de direitos reais, qualquer que seja a sua natureza sobre bens dominiais privados do Estado ou de institutos públicos, têm um reflexo necessário, natural, directo e imediato sobre a esfera patrimonial da Região ou dos institutos públicos.

Nessa medida justifica-se que haja um relatório em que toda esta informação apareça compilada e facilmente disponibilizada para o Parlamento a poder apreciar e para os cidadãos a poderem consultar, caso assim desejem.

Para além disso, o Partido Social Democrata também propõe que no relatório, para além das informações quanto à identificação do imóvel, os valores da transacção e identificação dos contraentes, possa constar a fundamentação em concreto do respectivo acto de gestão.

Queria lembrar que este aspecto é de suma importância, na medida em que este diploma vem estabelecer um princípio contrário ao diploma nacional. O diploma nacional estabelece um princípio de onerosidade, como vimos na sessão de ontem, nesta transmissão patrimonial. Esta Proposta de Decreto Legislativo Regional vem estabelecer um princípio de gratuidade nesta transmissão patrimonial.

Nessa medida, justifica-se por maioria por razão esta necessidade de escrutínio quanto à fundamentação dos actos concretos de gestão.

Assim se justifica a proposta de aditamento que o Partido Social Democrata apresenta.

Muito obrigado.

**Presidente:** Passamos à votação.

Os Srs. Deputados que concordam com esta proposta de aditamento, por favor mantenham-se como se encontram.

Os Srs. Deputados que discordam, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de aditamento foi rejeitada com 24 votos contra do PS, 10 votos a favor do PSD e 1 voto a favor do Deputado Independente.

**Presidente:** Votemos de seguida todos os artigos do diploma.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Os artigos postos à votação foram aprovados por unanimidade.

**Presidente:** Votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** Em votação final global, a Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Temos de seguida o **Projecto de Resolução – “Segurança Pública nos Açores. Um dever do Estado, um objectivo da Autonomia”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata.

Para apresentar o diploma tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

\* **Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Iniciamos, com este debate e votação deste Projecto de Resolução, uma metodologia de apreciação de projectos, eu direi de pacotes, inicialmente apresentados pela iniciativa do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata.

Começamos, neste caso, pela matéria de segurança pública.

Depois, vamos fazê-lo em relação a problemas de alcoolismo.

É um procedimento legislativo e de iniciativa política inovador neste Parlamento e que demonstra uma capacidade política de ver não só a “árvore” mas a “floresta”, procurando coerência, interligação e inter-dependência entre as diversas iniciativas políticas e legislativas que sobre uma matéria se podem tomar.

**Presidente:** Pode ser envelope, se quiser. À moda da CE é envelope.

**O Orador:** Farei ao gosto do Sr. Presidente, embora os envelopes da União Europeia tenham mais a ver com o “tlintlim”.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Factos são factos! E é preciso que se possa apurar.



Para perceber melhor a motivação deste conjunto de iniciativas políticas e legislativas, temos os factos com que hoje, na actualidade dos Açores, nos confrontamos, para percebermos o que está em causa na motivação da iniciativa e no objectivo que a mesma procura alcançar.

Um facto é que a segurança pública é – e isso é reconhecido por vários estudos de opinião e pelo senso comum – uma prioridade para os Açores e para os açorianos.

É também um facto inegável que o sentimento de insegurança das populações nos Açores é uma realidade.

É também um facto indesmentível, porque já consta de uma iniciativa aprovada por unanimidade nesta Assembleia Legislativa, que o reforço dos meios de segurança pública nos Açores é uma urgência e é consensual.

É por isso a altura de conjugar, com inteligência e sentido estratégico, o dever do Estado nas políticas de segurança política e o objectivo político geral da Autonomia de levar, com acção dos órgãos de Governo próprio, esta matéria de segurança pública para os açorianos.

Propomos, neste Projecto de Resolução, um meio de cooperação entre a Região e a República, que concretiza o mecanismo de co-responsabilização, negociado de acordo com os deveres constitucionais e legais de parte a parte, da República e dos órgãos de Governo próprio da Região.

Isto consolida esta ideia matriz que me é muito cara: a afirmação da Autonomia faz-se também cooperando com a República em matérias que, não sendo da sua responsabilidade estatutária constitucional, por dizer respeito aos açorianos e por se passar nos Açores, devem envolver a Região Autónoma dos Açores e o Parlamento.

O Parlamento dos Açores, tal como ficou consagrado numa Resolução aprovada por unanimidade neste Parlamento em Março de 2007, dizia o seguinte:

“O Parlamento dos Açores não pode ficar alheio a esta preocupação dos açorianos”, falamos de segurança pública.

“Onde devemos estar, temos de estar. Quando tivermos de alertar e reclamar, temos de alertar e reclamar. Não estamos satisfeitos com os actuais níveis de prevenção e de segurança pública nos Açores”.

Este é o preâmbulo e a motivação de um Projecto de Resolução, apresentado pelo Partido Social Democrata a esta casa, que foi aprovado em Março de 2007 e que tem o número 8/2007/A.

Portanto, por acordo de todos os parlamentares nesta Assembleia, reconheceu-se que o Parlamento tem a ver com esta matéria. Onde deve estar, tem de estar. Quando deve alertar e reclamar, deve alertar e deve reclamar.

Esta é mais uma proposta que o PSD apresenta. E apresenta neste exercício de afirmação da Autonomia que coopera com a República para que um e outro possam cumprir melhor as funções de prestar utilmente as funções do Estado aos cidadãos.

Nesta apresentação do Projecto de Resolução, que fica claro quanto aos seus objectivos e motivação para a sua apresentação, quero manifestar a minha surpresa quanto à posição, em sede de Comissão de Política Geral, do Partido Socialista quanto a essa matéria, que é de uma manifesta incongruência.

O Partido Socialista parece não saber onde está, nem para onde vai!

Não sabe o que disse ontem, nem quer saber o que deve dizer hoje. É inaceitável.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Não vá por aí!

**O Orador:** Este Partido Socialista, irresponsável, que não faz nada, embora permita concordar com o diagnóstico para tomar iniciativas, nada faz. Dorme na forma.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** O Partido Socialista não está preocupado com a segurança pública nos Açores?

O Partido Socialista pode dizer que a segurança pública não é uma prioridade para os açorianos?

O Partido Socialista pode dizer que não pretende reclamar, do Estado e do Governo da República, um reforço dos meios de segurança pública para os açorianos?

**Deputado José San-Bento (PS):** Ninguém disse isso. Isso é demagogia!

**O Orador:** Tudo isto é necessário!

O Partido Social Democrata, que se identifica com estes problemas, vai além e apresenta propostas.

O Partido Socialista, por ciúme político e por preguiça, não vai atrás de uma proposta que é sensata, razoável e que partilha o comum sentimento dos açorianos.

Curiosamente o próprio Partido Socialista, aprovou em 2007 uma resolução identificando este problema como uma prioridade política.

Pior! Este Grupo Parlamentar do Partido Socialista, de facto, está esgotado, nem segue as ordens do “chefe”, porque o Presidente do Governo concorda com o que o PSD propõe. O “chefe”, o Presidente do Governo, tem afirmado bastas vezes, no território regional e estrangeiro, que a prioridade para o Governo também deve ser a segurança pública e que uma responsabilidade do Estado tem negligenciado o reforço de meios de segurança pública para os Açores e que é preciso reclamar.

Lembro que Carlos César, Presidente do Partido Socialista, reeleito em eleições directas, nesta função dizia, e a comunicação social transpôs:

“César culpa Lisboa pela insegurança.

O Presidente do Governo Regional acusa o executivo da República de dar pouca atenção às regiões autónomas no que diz respeito ao combate à criminalidade.

César acusou mesmo o executivo liderado por José Sócrates de ceder a pressões de instituições e entidades para não descentralizar para as regiões autónomas competências fundamentais das forças de segurança e ordem pública.

Poderes devem cooperar.”

Mais do que este Projecto de Resolução não é possível. O que propomos, sim, é o que o Carlos César, Presidente do Partido Socialista e Presidente do Governo, defende:

“A alegada falta de cooperação é responsável pelo adiamento de soluções” e faz aqui referência a várias cooperações, inclusive com as autarquias locais.

O Partido Socialista deixou de ouvir o “chefe”?

O Grupo Parlamentar está preocupado porque vai ser renovado? Porque na próxima legislatura não têm a confiança do líder do Partido Socialista?

É esta a preocupação irresponsável dos Deputados do Partido Socialista na Comissão de Política Geral?

Mas há mais:

Estas são afirmações de pretérito, por sinal responsáveis, por sinal enquadradoras no tom geral do que deve ser a autonomia e do que deve ser a identificação das prioridades políticas, da acção governativa e parlamentar dos políticos dos Açores, face às exigências

que devemos fazer à República, mas afirmando não só esta perspectiva queixosa e de exigência, mas também a disponibilidade para cooperar.

Um projecto de interesse comum é uma solução possível, porque está previsto na Lei de Finanças das Regiões Autónomas. Portanto, cumpria uma missão que, por unanimidade, já foi aprovada e que é desejada pelo Presidente do Governo e pelo Governo Regional, mas o Grupo Parlamentar do Partido Socialista, preguiçoso e irresponsável, nada fez e agora, juntando a irresponsabilidade ao ciúme político quer votar contra esta iniciativa, mas sem fundamento, sem razoabilidade, sem um argumento válido que pudesse invocar uma sugestão de melhoramento, de aperfeiçoamento da proposta ou até mesmo apresentar a sua própria proposta, a sua própria iniciativa e com ela vermos qual seria a melhor.

O que é que fez?

Zero!

Repito: o Partido Socialista dorme na forma!

Provavelmente é esta preocupação que o Presidente do Governo e Presidente do Partido Socialista tem, exigindo renovação dos seus quadros.

Mas se isto tem a ver com o pretérito, passemos ao futuro!

Sr. Presidente do Parlamento, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

No próximo fim-de-semana, vai ao congresso do Partido Socialista...

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Com o que é que está preocupado? E você não vai lá?

**O Orador:** ... a moção subscrita por Carlos César, curiosamente também pelo Deputado José San-Bento, coordenador do PS.

Na Comissão de Política Geral, apressadamente informou estar contra estas propostas porque (imagine-se!) eram oportunistas.

Oportunistas porquê?

Porque têm sentido de oportunidade?

Porque correspondem ao sentimento geral dos açorianos?

Na Assembleia da República discute-se a Lei de Segurança Interna que tem a ver com estas matérias. A posição política dos Açores, assumida pelo Parlamento, pode influenciar estas matérias.

Não tinha outro argumento e pensou que esse era um bom cliché mediático, um bom cliché de mal dizer típico do Partido Socialista quanto às iniciativas do Grupo Parlamentar do PSD.

Confirmando aquilo que, para além do pretérito, já foi afirmado, pretende o Partido Socialista afirmar o futuro aprovando esta moção estratégica no próximo Congresso do Partido Socialista.

Diz a páginas 30, das 67 que fazem esta moção:

“Especialmente em domínios como coordenação e articulação das forças de segurança no arquipélago, o PS/Açores entende que deve ser intensificada a defesa de uma co-responsabilização entre a Administração Central e a Regional com a atribuição de funções a esta última.”

Pelos vistos, o Deputado José San-Bento e os restantes membros do Partido Socialista não leram a moção global do líder do Partido Socialista. Assinaram, subscreveram, mas não a conhecem. São irresponsáveis.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados.

Neste conjunto de argumentos que correspondem a factos e por serem factos não têm possibilidade de ter argumentos contra – como diz o ditado “contra factos não há argumentos” – o Partido Socialista cobre-se na ridícula acusação de que o Partido Social Democrata é oportunista. Porquê?

Porque não quer reconhecer o sentido de oportunidade do Grupo Parlamentar do PSD, o trabalho efectivo de quem se dedica, recusando aprovar aquilo que afinal de contas é uma mera concretização do que há um ano aprovaram aqui por unanimidade.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Isso diz respeito a este exercício de cooperação, que propomos através de um projecto de interesse comum; isso diz respeito a uma posição política que o Parlamento devia assumir perante a Lei de Segurança Interna em discussão na Assembleia da República. Curiosamente Sr. Deputado, veja como em vez do oportunismo o Grupo

Parlamentar do PSD tem um verdadeiro e afinado sentido de oportunidade. Por isso deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, para parecer à Comissão de Política Geral, a Lei de Segurança Interna.

Curiosamente ela demonstra, ficando como está, a derrota do Partido Socialista dos Açores, a derrota de Carlos César, Presidente do Partido Socialista e Presidente do Governo, nas negociações com o Ministro da Administração Interna e com o Primeiro-Ministro, porque esta Lei de Segurança Interna, ao contrário do que se pretendia e também está dito na moção e em várias e bastas declarações do Presidente do Governo em vários inventos, pretendia uma coordenação, a regionalização da coordenação por parte do Governo Regional.

Sabem o que é que propõe a proposta de Lei de Segurança Interna?

Que haja um gabinete, liderado por um secretário-geral, para os Açores e para a Madeira. Esse secretário-geral é nacional, nomeado pelo Ministério.

Entretanto, nos distritos do Continente, este gabinete é liderado por um governador civil.

É razoável que o Parlamento se demita de alertar, reclamar, exigir que não seja esta a versão final dessa Proposta de Lei?

Pois bem. É esta a atitude do Partido Socialista. Coloca-se atrás das cordas e nada quer fazer. Porquê?

Porque entendeu, errada e infantilmente, por ciúme político, que por ser uma proposta do PSD, não deve ser aprovada, deve ser chumbada.

É um erro político pelo qual pagam os açorianos, paga a Autonomia e o Partido Socialista, com ele, nada ganha!

Nem perde um voto! Nem ganha um voto!

Só mostra irresponsabilidade e incongruência.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD e do Deputado Independente)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

\* **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro:

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** O senhor estava em Cabo Verde nessa altura!

**O Orador:** Eu sei!

Vida difícil! Muito difícil! A sua e a do seu partido, pelos vistos.

Toda a gente já percebeu que o Sr. Deputado agora é uma espécie de líder sombra e como é preciso fazer pela vida, o senhor, nas alturas certas tem o mérito de se colocar bem.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Então, afinal, é sentido de oportunidade!

**O Orador:** É o sentido de oportunidade que alguns companheiros seus chamariam oportunismo, mas isso é um problema interno.

Eu quero vir dizer-lhe uma coisa, Sr. Deputado Bolieiro...

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** De sombra não tenho nada!

**O Orador:** Não, não tem sombra, mas realmente é um digno sucessor daquilo a que essa liderança parlamentar nos tem habituado.

Em primeiro lugar, Sr. Deputado, queria dizer-lhe que não basta deixar descair o queixo, pôr a mãozinha atrás das costas, falar alto e dizer umas patacoadas. Não sei se impressiona alguém.

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista não impressiona de certeza!

Devo dizer-lhe mais Sr. Deputado:

Apesar da vida difícil e do senhor estar fazendo por ela, há coisas (e que isto fique perfeitamente claro) que eu e este grupo parlamentar não lhe admitimos.

Nós não admitimos algum tipo de linguajar madeirense, claramente gratuito, insultuoso, como preguiçosos, mentirosos!

Preguiçosos?

Sr. Deputado, vamos aos números:

O Sr. Deputado está muito orgulhoso do seu pacote. Faça dele bom proveito, mas quero dizer-lhe uma coisa.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** É um bom pacote!

**O Orador:** Até a este momento, em termos de iniciativa legislativa, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista apresentou nesta casa 10 iniciativas e graças ao pacote que surgiu há 2 meses (por que será que não surgiu durante os últimos 3 anos?!) o PSD apresentou 6.

A respeito de trabalho e de preguiça, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, estamos, para já, conversados!

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não estamos, não!

**O Orador:** O PS até hoje apresentou 10.

Amanhã vai apresentar uma. É bom não tentar enganar as pessoas.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não discutiremos a paternidade e a quantidade das iniciativas do PS!

**O Orador:** Não é com resoluções que têm o valor que têm, que podem ser desabafos, que se combate aquilo com que nós concordamos. É preciso trabalhar, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro. É preciso não ser preguiçoso!

É preciso que esta casa assuma a dignidade que tem e isto é uma Assembleia Legislativa.

Em matéria legislativa, propomos leis.

A Lei de Segurança Interna não é boa para os Açores na sua actual proposta?

De acordo. É a única coisa, aliás, que se pode aproveitar, eventualmente, de todo o arrazoado politiquero, daquilo que o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro disse.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Olhe a linguagem, Sr. Deputado!

**O Orador:** É pura influência! É por simpatia, Sr. Deputado!

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Está a ver! Lá se foi a virtude!

**O Orador:** Mas sabe como é que se faz, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro?

Não é com uma resolução.

O senhor que gosta tanto de lembrar que é jurista, deve saber que uma resolução não altera uma lei.

Como é que se faz?

É fazer uma alteração à lei. É essa alteração que o Grupo Parlamentar do Partido Socialista apresentará amanhã e defenderá junto da Assembleia da República.

É com leis que se deve fazer. Nós fazemos leis.

Os senhores têm desabafos e têm estados de alma, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

Portanto, quero dizer-lhe (obviamente a discussão vai continuar) que é assim que trabalhamos, é assim que fazemos.

O senhor resolveu assumir o papel de ser, nesta questão, e está convencido que vai ser, uma espécie de “policia especial do PSD”. Até agora tem feito o triste papel de “política de giro”.

Mas vamos ver como é que isto fica!



*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José San-Bento.

\* **Deputado José San-Bento (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Gostava de começar a minha intervenção por confessar à câmara a minha grande surpresa pela adjectivação do Deputado Bolieiro, depois de trabalhar comigo (e em bom rigor eu sou obrigado a fazer isso) e com os 6 deputados do PS que fazem parte da Comissão de Política Geral. Fico muito surpreendido da sua argumentação, utilizando um nível que quero garantir à câmara que não irei utilizar e não desço a esse nível, nem eu, nem o PS.

Gostava de dizer também que o PS tem acompanhado, como é óbvio (e já tive oportunidade de referir isso na Comissão), com grande cuidado, todas as questões relacionadas com a insegurança, com a evolução das estatísticas que têm sido publicadas por diversos organismos.

Portanto, o PS tem tido uma atenção e um cuidado especial nesse seguimento.

Realmente, essa análise revela que os níveis de insegurança, sobretudo o crime contra o património, têm tido uma evolução que deve merecer a nossa atenção nos Açores.

Isso tem sido feito e deve ser feito sem alarmismos e sem exageros.

Os Deputados do PS vivem nos Açores, conhecem profundamente as suas comunidades, têm uma participação social intensa e sabem aquilo que preocupa as pessoas e aquilo que é sentido, independentemente daquilo que diga esta ou aquela estatística.

Todavia, não rejeitando uma situação que nós consideramos que deve ser seguida com cuidado, há alguns aspectos que devem ser aduzidos para vermos essas questões dos números e relativizar as coisas.

O Sr. Comandante Regional da Polícia de Segurança Pública referiu na Comissão de Política Geral, no dia 6 de Outubro de 2006, em Ponta Delgada, textualmente que “o relatório anual de segurança interna realmente aponta para uma subida da criminalidade na Região, mas é necessário fazer uma leitura atenta aos dados nele contidos, uma vez que esta subida pode, por hipótese, se dever a um aumento da denúncia”.

Mais à frente diz: “este facto é explicado pela polícia de aproximação aos cidadãos o que faz com que as pessoas vão ficando mais sensíveis às necessidades de denunciar”.

A isso também deve ser acrescentado que nós vivemos realmente uma situação onde há um maior sentido crítico da parte das pessoas e há uma maior consciencialização da parte dos cidadãos dos Açores para os seus direitos, as suas garantias e aquilo que são factores essenciais de qualidade de vida que evidentemente as pessoas sentem que têm o dever, e até a obrigação, mas sobretudo o direito, de exigir ao Estado e aos poderes públicos em geral.

Portanto, tudo isso também caracteriza as questões relacionadas com os números que, em nosso entender, têm sido incorrectamente abordadas e tratadas da parte do PSD e também de outros sectores da nossa sociedade. Mas repito: sem nunca rejeitar uma situação que estamos a seguir e que deve ser seguida.

Posso dar como exemplo um caso que me foi contado por um Presidente de Câmara do PSD, de uma autarquia no sul da minha ilha, do meu círculo eleitoral. Ele disse-me que pelo facto da PSP ter prendido dois miúdos (mas eu julgo que eram dois adolescentes, com 18 ou 19 anos), os números da criminalidade desceram para zero no seu concelho, vai para 2 meses.

Também é disso que estamos a falar.

Sr. Deputado, estou a tentar relativizar uma questão, baseado em pesquisa, análise, no trabalho que o Sr. Deputado Bolieiro diz que não fazemos.

É bom que se veja esses números com alguma frieza.

O número da criminalidade tem vindo a ser apontado com uma evolução de 90%, em 9 anos, mas a verdade é que os Açores estão em 11º lugar a nível nacional. Portanto, os Açores estão muito longe de ser o “faroeste”, como algumas pessoas parecem querer referir. Em relação à nossa Região insular da Madeira, pelos últimos dados disponíveis, no último ano, os Açores cresceram 12,4% e a Madeira 33,8%, o que também revela que, em termos relativos e em termos absolutos, os Açores registam uma situação de algum sucesso, alguma capacidade de resposta da parte das forças de segurança e é importante dizer isso.

Eu, enquanto vereador, já critiquei uma situação pontual relativamente à atitude da PSP, mas também julgo que é importante dizer-se aqui, na sequência da reorganização e daquilo que consta na lei orgânica da PSP, acho que é justo referir que as forças de segurança nos

Açores são bem lideradas, têm bons profissionais e têm meios que lhes permite fazer um trabalho.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não joga nem com as propostas que estão no congresso, nem com as respostas da PSP!

**O Orador:** Sr. Deputado, estou a tentar tratar este assunto, ao contrário do que fez o seu colega, com a dignidade e com a seriedade que ele merece. Portanto, estou a tentar ser rigoroso.

Obviamente que emito algumas opiniões, mas também acho que é justo referir o esforço feito pela PSP. Eu conheço vários agentes da PSP. Portanto é justo reconhecermos esse esforço e (é verdade!) a falta de meios, que também já foi aqui referida e nós não escamoteamos.

É bom que fique claro que no relatório, ao contrário do espectáculo e da forma extremamente incorrecta (refiro isso sobretudo em relação aos meus colegas, não refiro em relação mim) com que o Sr. Deputado Bolieiro tratou a questão, dizemos por que é que votamos contra a proposta do PSD:

“O Partido Socialista é contra este Projecto de Resolução uma vez que esta matéria é função da soberania, não fazendo sentido utilizar os projectos de interesse comum para promover o reforço de meios policiais na Região Autónoma dos Açores.”

Portanto, é isso que vem no relatório e foi isso que referimos, entre outras questões que são aduzidas no relatório.

O PSD entende que se deve utilizar a Lei de Finanças Regionais e o artigo 40º que é subordinado aos projectos de interesse comum, como um instrumento para obter esses meios, obter esse reforço.

O senhor poupe-nos a esse espectáculo demagógico, que é de fazer crer que o PS votou contra esta proposta, porque o PS não defende mais meios nem um maior policiamento.

Isto é absolutamente falso e deixamos isso muito claro.

Em síntese: achamos que as questões da segurança e da ordem pública são reservas da República, são competências exclusivas da República; é uma função de soberania e como tal nós consideramos que não é sensato, e que pode ser uma grande asneiras, oferecermos uma reinterpretação da Lei de Finanças Regionais que permita começar a canalizar e a contabilizar via Lei Finanças de Regionais aquilo que são funções de soberania.

Acho que isso é absolutamente claro e isso o senhor vai ter que conceder.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não joga nem com a moção que está no congresso, nem com as propostas do PSD!

**O Orador:** Sr. Deputado, não vou discutir aqui a moção.

Nós não temos dúvidas autonómicas.

Esta é a nossa argumentação. É esta a posição que temos defendido.

Foi isto que foi tratado na Comissão e é bom que percebamos muito bem esse aspecto. Uma coisa é a situação real, a necessidade real de meios que existe. Outra coisa são as soluções que o PSD defende para resolver esses problemas.

É preciso fazer essa distinção. É preciso que isso fique muito claro e é preciso, fazendo essa análise, que se diga que estas soluções do PSD não são boas. Não partilhamos daquilo que defendem e, como tal, o PS vota contra e não apoia estas medidas.

É isto que o PS fará, é o que o PS continuará a fazer, e continuaremos neste debate a defender as nossas posições de uma forma muito clara.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

\* **Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A primeira nota é de desilusão, novamente, pelo tipo de argumentação que o Grupo Parlamentar do Partido Socialista se apresenta para este debate.

A primeira referência, é à intervenção do Presidente do Grupo Parlamentar do Partido Socialista. Eu exercitei com elevação a minha indignação quanto à atitude do Grupo Parlamentar do Partido Socialista na votação destes projectos e na análise que faz.

Foi o Grupo Parlamentar do Partido Socialista, pela voz do Deputado José San-Bento, coordenador do Partido Socialista na Comissão de Política Geral, que em entrevista ao Correio dos Açores e a outros órgãos de comunicação social, acusava o PSD, por este tipo de iniciativa, de oportunista.

Eu manifesto a minha indignação por esse tipo de atitude, porque o Grupo Parlamentar do PSD identificou uma prioridade política e social para os Açores e para os açorianos e apresentou-se com trabalho, com propostas. Apresentou-as o ano passado quando aqui fez

aprovar por unanimidade uma resolução, no mesmo espírito que estas agora enformam, para que se responsabilizasse a República e o Estado das suas próprias responsabilidades.

Aqui vamos mais além com algumas dessas nossas iniciativas, demonstrando ao Estado a vontade que temos, em afirmação de uma autonomia madura, de cooperar com a República nas soluções do Estado.

É esse o nosso papel, agir para resolver um problema e não contemplar o problema à espera que outros o resolvam.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Essa marcou uma diferença entre o Grupo Parlamentar do PSD e o Grupo Parlamentar do Partido Socialista.

Quanto ao protagonismo, quanto ao sentido oportunista, devolvo à procedência estas acusações e demonstrei a minha indignação perante esta atitude.

Quanto à linguagem, quanto ao verbo, do Presidente do Grupo Parlamentar do Partido Socialista que classifica a minha intervenção de baixa, desculpe lá, Sr. Presidente, mas lições da sua parte eu não recebo nesta matéria, nem hoje, nem em nenhum debate anterior.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** Cada um no seu lugar, Sr. Deputado.

Segunda nota Sr. Presidente do Grupo Parlamentar, e faço-a em função do meu trabalho e do meu Grupo Parlamentar.

Nós podemos tratar-nos com urbanidade. Eu trato-o sempre com urbanidade, Sr. Presidente do Grupo Parlamentar.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Não senhor!

**O Orador:** Tratei sim, senhor.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Está registado na acta e na memória!

**O Orador:** Quanto à linguagem parlamentar de denúncia que o PSD faz isto, faz aquilo ou não faz, o senhor tem dado bastas lições do que não deve ser feito nem dito em debate parlamentar.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** É a sua opinião!

**O Orador:** É a minha opinião, sim senhor, mas provavelmente não será a única.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Ainda bem!

**O Orador:** Não atire para o “telhado de vidro” dos outros, quando o senhor os tem ainda de forma mais acentuada e eventualmente mais frágil. Portanto, vamos pôr os pontos nos “is”.

Quanto à preocupação deixada pelo Sr. Deputado San-Bento, com razão, eu concedo. O trabalho da Comissão de Política Geral tem sido, ao longo destes anos, nesta legislatura, exemplar na cooperação e no desempenho de qualquer um dos deputados, sejam eles do Partido Socialista, do PSD ou mesmo o Deputado Artur Lima.

Não está em causa uma avaliação geral do empenhamento e do trabalho que cada um dos Srs. Deputados na Comissão de Política Geral tem demonstrado.

**Deputado José San-Bento (PS):** O que está em causa são as nossas reservas para o plenário!

**O Orador:** Agora, nesta matéria em específico, devo demonstrar, como demonstrei, a minha indignação, porque não posso aceitar, sem repudiar, uma afirmação de oportunismo por parte de iniciativas que são co-responsáveis, desde logo, com uma iniciativa já apresentada neste Parlamento e aprovada por unanimidade, curiosamente para uma matéria que deve ser de regime e não de luta partidária. E não foi à toa que o Presidente do Grupo Parlamentar do PSD, ontem, na declaração política, terminava dizendo que se fosse caso disso retirávamos das propostas o nosso logótipo e passaria a ser uma proposta do Parlamento.

Isso também foi colocado nos trabalhos da Comissão de Política Geral.

Portanto, não estamos aqui a reivindicar um protagonismo de fracção partidária.

O Presidente do Partido Socialista, em resposta a requerimentos subscritos por mim próprio, dizia:

“Como se demonstra, pelo constante dos números anteriores, a prática e a doutrina segundo a qual tudo o que se passa nos Açores tem a ver com o Governo Regional, tem conduzido a que, este Governo Regional, invoque as necessidade da Região junto do Governo da República”.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Isso ou é pura demagogia ou é ignorância! Não sabe ler!

**O Orador:** Eis a sua linguagem: chama-me analfabeto e acusa-me de não saber ler. É muito credível essa sua afirmação!

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Não sabe, não senhor. Ou então não quer, o que é mais grave!

**O Orador:** Sr. Deputado San-Bento, o que o senhor defende não condiz com aquilo que defende o Partido Socialista, não condiz com a moção que o senhor subscreve e com o que diz o Presidente do Partido Socialista e Presidente do Governo.

Tudo o que se passa nos Açores tem a ver com os órgãos de Governo próprio. Isto é afirmado pelo Presidente do Governo.

A função é do Estado, mas tem a ver com os açorianos, portanto tem a ver connosco.

Por isso, foi aprovado, e citei na minha intervenção inicial, que tudo o que tem a ver com os Açores e com os açorianos, deve envolver o Parlamento.

Onde temos que estar, devemos estar!

Onde devemos reclamar e alertar, devemos reclamar e alertar!

Estas são posturas que se confirmam nestes Projectos de Resolução que o PSD apresenta e que o Partido Socialista, sem argumentação (contra factos não há argumentos!) não sabe defender o seu voto contra.

Apenas diz não a uma iniciativa que vem do Grupo Parlamentar do PSD.

Mas há mais.

O Sr. Deputado afirma, numa entrevista, que as propostas do PSD são descabidas quanto à forma, conteúdo e *timing* de apresentação. Uma afirmação destas faz sentido?

Tenho ou não o direito de mostrar a minha indignação perante este tipo de afirmação leviana?

Estamos ou não em momento de discutir a Lei de Segurança Interna na Assembleia da República e afirmar o parecer?

Estamos!

É por isso que não tem cabimento nenhum a apressada ideia que o Presidente do Grupo Parlamentar do Partido Socialista quis aqui lançar, que vai apresentar amanhã uma anteposta de lei. Não faz sentido, porque neste momento, o que temos de fazer é apresentar um parecer dos órgãos de governo próprio da Região a uma iniciativa, neste caso à Proposta de Lei, apresentada pelo Governo.

Portanto, não temos que apresentar nenhuma proposta de lei de alteração.

Temos é que em sede de Comissão de Política Geral dar um parecer e apresentar propostas de alteração. Não é fazer uma proposta de lei.

O senhor não se preparou, não sabia bem o que estava a dizer. Apenas queria afirmar na Comunicação Social que o PS amanhã vai ter uma proposta de lei para alterar a segurança interna.

Não faz sentido! Nem sequer o *timing* Sr. Presidente do Grupo Parlamentar.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Isso é escolha de *timing*! Não vamos pedir-lhe opinião!

**O Orador:** Sr. presidente, não tem a ver com escolha de *timing*. O processo legislativo de alteração da Lei de Segurança Interna está em debate na Assembleia da República, veio ao Parlamento Regional como devia,...

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Tem pouca memória!

**O Orador:** ... para se dar parecer sobre a mesma.

Nessa proposta, nem vem aquilo que o Presidente Carlos César defendia, que a era a regionalização da coordenação...

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Já lemos!

**O Orador:** Então se calhar foi o Sr. Deputado que leu mal. Eu nem sequer lhe retribuo que não sabe, porque sabe ler! Mas leu mal e interpretou pior.

Na verdade, o que tem que ser reconhecido é que o Presidente Carlos César, que afirmou bastas vezes que estava em negociações com o Primeiro-Ministro e com o Governo da República para a regionalização destas funções, afinal a Proposta de Lei não prevê.

Vejamos se não há a oportunidade agora de fazer uma alteração.

Tem ou não cabimento? Está ou não no *timing* certo do Parlamento, nesta sessão, afirmar que é pela regionalização da coordenação da Polícia Segurança Pública e das forças de segurança pública na Região?

Tem sentido de oportunidade, tem o *timing* certo e é adequado.

Por isso, é que eu quero afirmar, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, a minha indignação, porque a atitude do Grupo Parlamentar do Partido Socialista é facciosa e não defende o interesse dos Açores e dos açorianos nesta matéria.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

\* **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:



Vou, nesta minha primeira intervenção, fazer aqui uma diligência para ver se centramos o debate na discussão desta resolução, porque já percebi que se está aqui, de uma maneira muito abrangente, discutindo o pacote de uma vez.

O que está agora em discussão é esta resolução.

Esta resolução, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, pretende, ao abrigo do artigo 40º e dos projectos de interesse comum, dotar meios para as forças de segurança.

Eu coloquei, como bem se lembra, essa questão na Comissão e disse-lhe que este projecto poderá ser tentador para o Estado transferir as competências que tem, em matéria de Segurança Pública (estou a citar o que disse na Comissão), para a Região, principalmente se considerarmos que o Governo da República tem uma política extremamente economicista.

É verdade que abrindo este precedente, e o Sr. Deputado San-Bento também o referiu na Comissão, é obviamente tentador para a República diminuir os meios para a Região Autónoma. Ou seja, se se passa a incluir nesta lei a segurança, que é um dever e uma obrigação do Estado, se vem para este pacote, então aí a Região Autónoma dos Açores, em meu entender, ficará a perder, porque pode ter eventualmente menos verbas.

Permita-me que leia, Sr. Deputado (sei que V. Exa. nessa matéria não precisa que lhe dêem lições)...

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não preciso não senhor!

**O Orador:** ... o que diz o artigo 40º:

“Projectos de interesse comum.

Por projectos de interesse comum entendem-se aqueles que são promovidos por razões de interesse ou estratégia nacional e ainda os susceptíveis de produzir efeito económico positivo para o conjunto da economia nacional, designadamente pelas suas consequências em termos de balança de pagamentos, bem como o efeito na diminuição de custos das áreas sociais, os transportes e as telecomunicações”.

O nº 2 diz que “a classificação do projecto como sendo de interesse comum, depende da decisão favorável do Governo da República e do Governo Regional”. Ou seja, não acrescenta nada. Está limitado pelo nº 1.

Onde é que se enquadra aqui, “promovidos por razões de interesse ou estratégia nacional”, sendo a segurança o interesse nacional?

Quanto muito, aqui se enquadraria...

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não é quanto muito. É mesmo aí!

**O Orador:** É mesmo aí que V. Exa., num sentido muito abrangente e muito lato, enquadra. Mas o espírito disto não é obviamente para a segurança, no nosso entender.

Quando se faz projectos de resolução e se apresentam iniciativas, elas devem ser úteis, devem ter um objectivo e uma utilidade.

Eu tenho aqui a que foi apresentada e aprovada por unanimidade nesta Assembleia em Março de 2007. Nessa altura recomendava-se “impor ao Governo da República a urgente tomada de medidas especiais...”

Isto já está recomendado há um ano, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

Portanto, esta é absolutamente redundante.

Eu concordo que a insegurança é um problema sério nos Açores. Eu, nessa matéria estou plenamente de acordo consigo e acho que devemos tomar medidas.

Agora, vir com uma coisa que é absolutamente inócua para resolver o problema da insegurança como é esta, julgo que não faz sentido, pese embora não me oponha a que ela seja aprovada. Daí a minha abstenção neste projecto de resolução, porque tenho dúvidas quanto à sua eficácia e porque tenho dúvidas se a República de hoje ou a da amanhã não vai aproveitar para reduzir as verbas para os Açores, passando a segurança a ser financiada pela Região Autónoma dos Açores, em vez de ser financiada pela República.

Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, tem que reconhecer que isso é possível. Essa hipótese é possível. No campo meramente das hipóteses, no campo hipotético, é possível que isso aconteça. É ou não é? É isso que o Sr. Deputado tem que dizer.

A pergunta é muito específica: é ou não possível que com isto o Governo Regional passe a suportar a segurança que deve ser um dever da República e do Estado?

No nosso entender pode haver diminuição de verbas e isso temos que evitar, até quando se clama pelo aumento de verbas, como eu já ouvi, e pela Lei de Finanças Regionais, mas como não é chamado ao caso, nem sequer vou por esse caminho.

A minha abstenção é justificada nessas dúvidas que me parecem legítimas e que me parecem sobretudo possíveis de acontecer. Obviamente não queremos e só por isso nos abstemos neste projecto de resolução, pese embora manifestando e reafirmando a nossa preocupação que vem desde há muito com a insegurança nos Açores. Ainda no debate do Plano e Orçamento de 2006, lembro-me de um debate acalorado, com o Sr. Deputado

Francisco Coelho, sobre a insegurança na Ilha Terceira. Nessa altura talvez não estavam muito preocupados.

Agora apresentam o pacote.

Aliás, é engraçado – e permita-me, V. Exa., Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, alguma provocação nessa matéria – que a partir do Natal o PSD entrou numa esquizofrenia legislativa ou eleitoral, apresentando pacotes para tudo. É pacotes para a segurança...

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não sofro dessa doença!

**O Orador:** Sr. Deputado, não estou a dizer que é V. Exa, permita-me. Eu estou a falar em termos conotativos. Eu não vou entrar no deve haver quem trabalha mais ou quem trabalha menos, porque se eu for fazer contas os senhores ficam todos a perder.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Presunção e água benta...!

*(Risos da Deputada Ana Isabel Moniz)*

**O Orador:** Sra. Deputada, não se ria. Faça as continhas na apresentação de iniciativas por deputado e vai ver quantas apresentou e quantas eu apresentei e ficamos totalmente esclarecidos. Essa é que é a verdade. Um dia trago-lhe esses números.

Depois, ao que se assiste é a um dormir na forma durante 3 anos, ou pelo menos a um conforto durante 3 anos.

Em Janeiro, com o ímpeto reformista da nova liderança e da vida nova, surgem os pacotes.

Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, qual é o próximo pacote?

Os senhores agora vendem tudo por atacado. Já não vão à “mercearia” no dia-a-dia. Vão ao “supermercado” no fim do ano e compram tudo aos pacotes.

Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, as pessoas percebem que os senhores estão fazendo uma tentativa desesperada para mostrar aquilo que não foram mostrando, porque a insegurança já mereceria este pacote há 2 anos atrás.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Então por que é que não apresentou?!

**O Orador:** Não apresentei. Chamei a atenção para esse problema e discuti esse assunto nesta casa.

Se eu tivesse 18 deputados nesta bancada, com certeza que tinha apresentado, mas infelizmente não tenho, mas tenho esperança que venha a ter na próxima legislatura e então aí os senhores desaparecem em termos legislativos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

\* **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro:

Há aqui algo de positivo e de unânime.

Há uma preocupação e uma sensibilização efectiva, e creio que de boa fé e unânime, para a questão dos problemas da segurança.

Também é importante na sua vertente psicológica, porque ela também é real, mas convém ser, como muito bem fez o Sr. Deputado José San-Bento, devidamente situada, porque só com uma percepção real e objectiva das coisas é que podemos actuar em consonância.

Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, essa tragédia, não digo grega, mas de que “apresentámos aqui um pacote, queremos salvar e retirar os açorianos do profundo estado de insegurança em que vivem, mas os malvados e os preguiçosos dos Socialistas não deixam”, sendo uma história interessante para adormecer crianças (ou assustar!), não corresponde minimamente à verdade.

Vamos, com sua licença, “abrir o pacote” e vamos ver o que é que V. Exa. nos quer oferecer, já que o lacinho azul ou laranja parecia prometer tanto.

Em bom rigor, e como bem disse o Sr. Deputado Artur Lima, começando pelo diploma ora em discussão, aquilo que o Partido Social Democrata propõe é, desde logo, uma resolução. O velho hábito, trabalhar muito dizendo para os outros fazer, que neste caso é a resolução. Mas para dizer o quê?

Para dizer que o problema da insegurança e a afectação de recursos financeiros, designadamente uma maior conotação de recursos humanos e materiais, seja feito ao abrigo da Lei das Finanças das Regiões Autónomas, nos chamados projectos de interesse público.

Volto repetir: como muito bem disse o Sr. Deputado Artur Lima e também referiu o Sr. Deputado José San-Bento, essa ideia é verdadeiramente perigosa e errada. Desde logo, é errada em termos jurídicos. E é errada porquê? Porque projectos de interesse comum não podem ser entendidos à expressão, no sentido vulgar que ela tem na língua portuguesa,

porque em bom rigor é presumir que todo o tipo de competência, todo o tipo de obra, todo o tipo de realização, feita nos Açores é de interesse dos Açores, é de interesse de Portugal, é no sentido vulgar do termo de interesse comum, portanto, ela tem que ter um sentido mais preciso, que deve ser o sentido jurídico.

Só vejo aqui um, que é obviamente o sentido da realização de algo que tem a ver, ao nível das fronteiras, com competências similares ou comuns, ou que podem ser repartidas entre a República e a Região Autónoma.

Manifestamente ao nível da titularidade não é isso que acontece. Essa competência é da República no Estado unitário. É bom que assim seja ao nível da titularidade e sobretudo é bom que a República não se demita das suas responsabilidades financeiras de exercer, com qualidade e na quantidade necessária, a tarefa fundamental de segurança em todo o território nacional e pagar, porque é uma responsabilidade sua.

Abrir aqui uma porta, como muito bem disseram os Srs. Deputados Artur Lima e José San-Bento, é com certeza perigoso.

Isso não só não faz, se me permite uma opinião Sr. Deputado Bolieiro, sentido jurídico, como é politicamente muito contestado.

De resto, Sr. Deputado, não percebo bem (lá iremos) como é que noutra resolução também se quer regionalizar a coordenação. Faltou aqui qualquer coisa (talvez!), esclarecer em termos de titularidade e de exercício o que é que se quer ao nível disto. Falta outra coisa que nós, a seu tempo, também veremos. Parece-me também que foi feita à pressa e levanta algumas dúvidas.

De resto, Sr. Deputado, o PS tem tido nesta matéria uma posição perfeitamente coerente.

Nós achamos que o Estado deve naturalmente assumir, desde logo ao nível financeiro, as suas responsabilidades. Deve dotar de meios humanos e materiais. É sua a responsabilidade, é a sua a titularidade, mas ao abrigo da Constituição, e de acordo com a revisão de 2004, pode (e achamos que deve, porque há vontade), por parte deste Governo Regional, haver nesta matéria uma delegação de competências. É isso que defendemos.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Devia ter feito isso na Comissão de Política Geral!

**O Orador:** Estamos a falar de matéria que deve ter o seu enquadramento e algum rigor técnico, porque face à sua delicadeza, se não o tiver, podemos também perder ou não saber bem do que é que estamos a falar.

Sempre defendemos essa delegação de competências ao nível dessa coordenação e porque a defendemos (é verdade que ela não está contemplada na proposta inicial, na proposta que nós conhecemos, na proposta pública, na proposta do Governo da República que está pendente na Assembleia) queremos agir, queremos resultados e queremos que a nossa acção não seja um puro desabafo ou uma pura afirmação política para o consumo doméstico.

Queremos que ela tenha efeitos e maneira de ter efeitos é apresentarmos uma alteração à proposta de lei.

Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, não fique enciumado por causa disso.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não fico. Nem sequer ofendido!

**O Orador:** Não diga que está com muita pena e que lhe estão a roubar o seu “pãozinho” do parecer da Comissão de Política Geral. Olhe que a intenção não foi essa.

Permita-me que lhe lembre, Sr. Deputado, e aí também fazendo a devida justiça, que esta ideia de apresentar uma alteração a uma Proposta de Lei, embora tecnicamente não seja igual porque já havia uma lei anterior, foi feita há não muito tempo aqui, por iniciativa do PSD, a respeito do Conselho Superior de Defesa Nacional, mais precisamente pelo Sr. Deputado Pedro Gomes, e mereceu aprovação parcial do Partido Socialista.

Sr. Deputado, é preciso ter memória, porque o que estamos a fazer, foi feito recentemente uma coisa muito semelhante, e bem, pelo Partido Social Democrata.

Muito obrigado.

**Deputado Cláudia Cardoso (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José San-Bento.

\* **Deputado José San-Bento (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Gostava de felicitar o Deputado Artur Lima, porque acho, como disse o Deputado Francisco Coelho, que percebeu bem o que é que eu tinha dito, as reservas que o PS tinha manifestado e percebeu aquilo que o PSD não quer perceber.

A solução que defende o Sr. Deputado Bolieiro é aquilo que poderíamos chamar um “Cavalo de Tróia” do centralismo político. Depois viriam as universidades, os tribunais, as finanças... Todos os serviços dependentes da República que tivessem dificuldades de financiamento, o PSD faria uma proposta de projecto de interesse comum.

Nós achamos que isso não é a melhor solução, não merece o nosso apoio e por isso eu disse numa entrevista, e mantenho, que os senhores apresentam essa proposta muito preocupados para aparecer na fotografia a falar de segurança, numa altura em que se falava de um relatório, em que se falava desta questão com maior projecção mediática. É por isso que ela é, na minha opinião, oportunista. É isso que a entrevista revela.

O senhor foi longe demais na sua primeira intervenção e agora tentou remeter para os jornais, se fazendo ofendido, para justificar o espectáculo degradante que fez aqui.

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** Muito bem!

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não apoiado!

**Deputado Mark Marques (PSD):** Está igual a si mesmo

**O Orador:** É bom que se perceba uma outra coisa.

Srs. Deputados, eu acho que é degradante um deputado, com a experiência do Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, referir-se a membros desta casa, a pessoas que ele conhece, ou referir-se ao trabalho que reconhece a diversos deputados desta casa, daquela forma.

Termino, Sr. Presidente, lembrando uma questão que o PSD defendeu e que era supostamente um claro exemplo do grande mérito, do grande rigor técnico e do grande conhecimento sobre essas matérias do PSD, que era uma famigerada polícia regional que nunca mais ninguém ouviu falar.

Era uma prova de que estava tudo estudado e que era a melhor solução possível.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

\* **Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Não fiz, neste debate, uma única observação de diagnóstico quanto aos índices de criminalidade nos Açores. Não exponenciei a criminalidade participada no âmbito dos relatórios. Não fiz qualquer diagnóstico. Limitei-me a fundamentar o conjunto coerente e integrado de propostas a que designei de pacote, que correspondem à identificação e à prioridade de um problema que para o PSD é também um problema dos açorianos e uma prioridade dos Açores, a segurança pública e o reforço dos seus meios.

Neste conjunto de iniciativas encontra-se uma relativa a projectos de interesse comum, que é a que está em debate neste momento.

De todo o debate, e em especial dos Deputados do Grupo Parlamentar do PS, o maior registo que tive é que desconhecem, porque não leram ou porque não entenderam as declarações do Presidente do Governo e Presidente do Partido Socialista. O que até agora têm afirmado é a pura contradição do que tem sido afirmado com prioridade para o Governo Regional, para o Presidente do Governo e Presidente do Partido Socialista que continua a defender, não só em órgãos de comunicação social, como em resposta a requerimentos (e há pouco citei a resposta a um requerimento subscrito por mim e pelo Deputado Pedro Gomes) que, “o governo considera prioritários, na área da segurança, a importância relativa à alteração da Lei de Segurança Interna, reforçando a coordenação e gestão de proximidade, através do Governo Regional...” (não é isso que consta nessa lei) “...bem como o reforço dos efectivos. “

**Deputado Francisco Coelho (PS):** É o que resultará amanhã da proposta do PS!

**O Orador:** “Estas duas medidas constituem o verdadeiro passo em frente na resolução da actual situação avançando com aspectos concretos da actuação das forças de segurança e não apenas insistindo...” (curiosamente o Grupo Parlamentar acaba de insistir), “... em mecanismos de diagnóstico que, aliás, o Governo Regional já há muito transmitiu ao Governo da República”.

O Grupo Parlamentar do Partido Socialista, pelos vistos, desconhece as prioridades do Governo Regional, desconhece a vontade política do Presidente do Governo e Presidente do Partido Socialista que disse que defendia a regionalização da coordenação das forças de segurança nos Açores.

Nesta matéria não me parece que o Grupo Parlamentar do PS esteja em sintonia com o que defende o Presidente do Governo.

Estas propostas, por mais imperfeitas que possam estar (mas não estão) num ou noutro pormenor, correspondem a este objectivo estratégico.

O Sr. Presidente do Governo dizia, a 13 de Fevereiro de 2007 (e por isso vim a público dizer que era uma derrota este processo negocial entre o Presidente do Governo e o Governo da República), e passo a citar a notícia de um jornal:

“O Presidente do Governo açoriano afirma hoje, 13 de Fevereiro de 2007, que existe um largo consenso com o Ministério da Administração Interna no alargamento de competências



da Região Autónoma em relação com a PSP, que deverão ficar definidos nos próximos meses.”

Os Deputados José San-Bento e Francisco Coelho disseram aqui que seria um atentado desresponsabilizar o Estado das suas obrigações em matéria de segurança pública.

O Presidente do Governo quer o alargamento e até disse que quer consenso.

Portanto, não posso dizer por outras vias senão dislate.

**Presidente:** Terminou o seu tempo, meu caro amigo.

**O Orador:** Dizia o Presidente do Governo:

“Prevejo que nos próximos meses seja possível ao Ministério da Administração Interna apresentar uma proposta concreta, salientou Carlos César em Ponta Delgada.

O chefe do executivo açoriano falava após um encontro com o Ministro do Estado e da Administração Interna, António Costa, que se deslocou à Ilha de São Miguel, para a posse do novo Comandante Regional da PSP nos Açores.

Segundo Carlos César, esta proposta a apresentar pelo Ministério de António Costa deve materializar a intenção do Governo Regional de uma cooperação para a área importante de segurança e ordem pública nos Açores”.

Se este conjunto de propostas não corporizam este objectivo, que dizer então destas declarações do Sr. Presidente do Governo?

Quais as iniciativas do Grupo Parlamentar do Partido Socialista que corporizavam estas concretas opções do Presidente do Governo?

Zero!

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Já teve duas antepropostas de lei.

**Presidente:** Sr. Deputado está a desafiar a minha benevolência.

**O Orador:** Sr. Presidente, interrompo e inscrevo-me para segunda intervenção.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

\* **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado José Manuel Bolieiro:

Eu já percebi. O senhor quer ir ao Congresso do PS. Há-de ir!

*(Risos da Câmara)*

Está convidado desde já, Sr. Deputado...

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** O PSD vai estar representado!

**O Orador:** ... e vai ter oportunidade de dizer pessoalmente e de viva voz o quanto admira e o quanto quer ser fiel às ideias e aos objectivos, em termos de segurança, do Presidente do PS Açores.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Nós pensamos!

**O Orador:** Mas houve quem começasse primeiro e que conhece as suas ideias há mais tempo.

É evidente que todos nós sabemos o que é que o Presidente do Governo quer nesta matéria, o que é que o Grupo Parlamentar do PS pretende nesta matéria.

Pretende (e volto a repetir, disse-o há pouco, mas o método da exaustação às vezes também é pedagógico, eu diria até didáctico) que nesta matéria, e usando as faculdades e as potencialidades abertas pela Revisão Constitucional de 2004, que prevê a delegação de competências, portanto, prevê a transferência do exercício e não da titularidade dessas competências, elas possam, ao nível da coordenação, ser exercidas pela Região. É isso que se pretende, Sr. Deputado. Foi isso que o Sr. Presidente do Governo defendeu.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Não foi!

**O Orador:** Desculpe. Ele falou em termos políticos, não falou em termos jurídicos, nem tem que falar.

Falou em termos políticos e falou de uma forma clara para as pessoas perceberem o que é que a Região pretende: exercer competências que efectivamente não tem, que através dessa delegação de competências passará a ter o exercício, o que na prática é, também como sabemos, o que importa e o que é possível.

Sr. Deputado José Manuel Bolieiro, é exactamente isto que a Anteproposta de Lei do Partido Socialista, tal como se refere aí, pretende alterar a proposta de Lei de Segurança Interna entrada na Assembleia da República, que pretende consagrar com toda a coerência, prática e discursiva daquilo que o Presidente do PS Açores vem dizendo e pretende nesta matéria, tal como o PS.

Lembro-lhe, Sr. Deputado, já agora, que o Partido Socialista nesta matéria e nesta casa não tem umas resoluções. Hoje, neste momento, tem uma anteproposta de lei. Amanhã terá duas antepropostas de lei.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Bem bom!

**O Orador:** Não é paleio, nem desabafo. Nós queremos eficácia.

Há aqui uma diferença, Sr. Deputado. Ainda bem!

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes.

\* **Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Inscrevi-me para intervir neste debate talvez para contribuir para esclarecer algumas das questões suscitadas pelo Sr. Deputado Francisco Coelho que julgo que são legítimas, razoáveis e merecem esclarecimento.

Mas convém situar-nos.

De facto, há um problema de insegurança nos Açores. Não é de hoje e vem a acentuar-se há algum tempo.

Não trazendo aqui um diagnóstico sobre a situação da insegurança que está relatada abundantemente nos últimos relatórios de segurança interna, o que é verdade é que há aqui um conjunto de culpas repartidas entre o Governo Regional e o Governo da República no combate à insegurança. E culpas repartidas, nos seguintes termos:

O Governo da República não tem afectado aos Açores os meios materiais, humanos, técnicos ou operacionais, se quisermos, para que haja agentes e hajam meios técnicos para combater o fenómeno da insegurança que vem acontecendo nas nossas ilhas.

É preciso dizer que esta insegurança resulta muitas vezes da pequena criminalidade, um pequeno furto, um pequeno assalto, uma pequena agressão, mas causa um profundo alarme e perturbação social.

Felizmente que não estamos ao nível da grande criminalidade, nem com um número de crimes de sangue que nos possam preocupar. Graças a Deus!

Mas o que é verdade é que à nossa dimensão, à nossa escala e com este tipo de pequena criminalidade, todos nós nos sentimos menos seguros do que nos sentíamos há uns anos atrás.

Esta é uma responsabilidade que tem que ser imputada ao Governo da República.

O Governo Regional tem que, como é sua obrigação, em defesa dos interesses dos Açores, em defesa dos interesses da boa governação dos açorianos, reivindicar do Governo da República com clareza, com suficiência este reforço de meios para as polícias nos Açores.

Quando nós falamos de polícias não estamos só a falar da PSP. Estamos a falar da PSP, estamos a falar da GNR e estamos a falar da polícia judiciária.

Apesar de em Março do ano passado termos aprovado unanimemente uma resolução da iniciativa do Partido Social Democrata sobre esta matéria, por meio da qual se reclamava mais meios humanos e materiais para as polícias, das supostamente insistentes formulações do Governo da Regional junto do Governo da República no mesmo sentido, o que é verdade é que, politicamente o resultado é escasso face às insistências do Governo Regional.

Esta relação do Governo Regional com o Governo da República em matéria de segurança é um estendal de fracassos sucessivos.

**Deputado José San-Bento (PS):** Não é verdade!

**O Orador:** É verdade e vou justificar.

A proposta de lei de segurança interna não resolve nenhuma das questões que foram suscitadas pelo Sr. Presidente do Governo Regional, pela bancada do Partido Socialista e pela bancada do PSD em matéria de coordenação das forças de segurança. O que é verdade é que mais de um ano passado não há reforços visíveis dos meios humanos ou materiais para as polícias.

Quero lembrar a câmara que o único reforço que houve foram 30 agentes da PSP para o ano de 2008. Os Açores têm pelo menos 27 esquadras da PSP, o que dá 1,2 agentes.

**Deputado José San-Bento (PS):** E os senhores querem 30 esquadras!

**O Orador:** É preciso dizer que para completar os actuais quadros da PSP faltam neste momento 200 agentes nos Açores. Os actuais quadros da PSP não correspondem às necessidades reais da população açoriana. Cá está um salto que é um fracasso.

Mas se quisermos falar da recente Lei Orgânica da Polícia Judiciária, o Governo também não logrou atingir os seus objectivos junto do Governo da República. Aliás, deu nota disso publicamente.

Cito “O SOL” deste fim-de-semana:

“PS ignora Carlos César”.

Cito o Deputado Ricardo Rodrigues, quando diz: “Os Açores exigem um aumento dos agentes da autoridade. A criminalidade na Região está a aumentar e o Governo sabe disso”.

**Deputado José San-Bento (PS):** O que é que isso tem a ver com o diploma que está a ser discutido?

**O Orador:** “O executivo regional também deve ser ouvido na coordenação das polícias”.

Estou a falar da Lei Orgânica da Polícia Judiciária, mas vamos a outros factos.

Neste entretanto, foi publicada a Lei Orgânica da Polícia de Segurança Pública, a Lei 53/2007, de 31 de Agosto, que também não confere ao Presidente do Governo Regional, nem à Região, qualquer competência em matéria de coordenação das forças de segurança.

Lei 63/2007, de 6 de Novembro, Lei Orgânica de uma força de segurança, esta de natureza militar, como a GNR. Não confere nenhuma competência de coordenação ao Presidente do Governo Regional.

Não havendo nestas leis estado de figura, era o local próprio a Lei de Segurança Interna.

O que é verdade é que a Lei de Segurança Interna não contempla nenhuma das protecções do Governo Regional ou da Região Autónoma dos Açores.

Quero aqui lembrar, com verdade, com o rigor que devemos usar nestes debates e com a seriedade que a matéria exige, que na Comissão de Assuntos Parlamentares, quando discutimos a iniciativa legislativa da Assembleia da República – a Proposta de Lei subscrita pelo PSD, pelo CDS/PP, pelo PS e outros partidos – sobre o Estatuto do Representante da República, unanimemente este Parlamento entendeu que algumas das competências, em matéria de segurança, que essa proposta de lei visava atribuir ao Sr. Representante da República, deveriam ser atribuídas ao Presidente do Governo Regional.

Defendemos que não deveriam ser competências do Sr. Representante da República porque ele não tem competências de natureza administrativa e não deveria ter quaisquer competências em matéria de força de segurança na Região Autónoma dos Açores.

O que é verdade é que hoje, perante a Proposta de Lei que está na Assembleia da República da Lei de Segurança Interna, nós constatamos o seguinte:

O dispositivo de forças de seguranças nas Regiões Autónomas e no caso dos Açores é coordenado pelo Secretário-Geral do Sistema do Serviço de Forças de Segurança Nacional. Não há uma coordenação regional dos dispositivos das forças de segurança nos Açores e na

Madeira feita pelo Governo Regional ou pelo Sr. Presidente do Governo Regional, como é uma pretensão defendida pelo PSD,...

**Deputado José San-Bento (PS):** O PSD foi a reboque do que disse o Presidente!

**O Orador:** ... quando nos distritos do país tal coordenação é atribuída ao Sr. Governador Civil, que não é membro do Governo, que não emana de uma eleição por sufrágio directo e universal, que é apenas um mero delegado do Governo, é um mero representante do Governo nos termos do figurino constitucional e legal que está atribuído ao Governador Civil.

A conclusão tem que ser óbvia:

O Presidente do Governo Regional dos Açores está, de acordo com esta proposta, abaixo de qualquer Governador Civil, está maltratado nesta iniciativa do Governo de José Sócrates.

Esta solução não resolve nem acautela nenhuma das pretensões do Governo Regional, nem da Região Autónoma dos Açores em matéria de segurança.

Esta resolução, e já agora adiantando aqui a argumentação, que o PSD apresenta, ao recomendar que a coordenação das forças de segurança pública nos Açores deve ser regionalizada, quer dizer exactamente isso. Quer dizer que deve ser atribuída ao Governo Regional, ao Presidente do Governo Regional, a função de coordenação das forças de segurança tal e qual esta iniciativa legislativa atribui aos Srs. Governadores Cíveis, porque para nós, para o PSD, o Presidente do Governo Regional não é menos que um Governador Civil, aliás, é muito mais do que um Governador Civil.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Por isso a solução seria técnica, Sr. Deputado!

**O Orador:** Em segundo lugar, usa-se aqui a nomenclatura forças de segurança para abranger precisamente não apenas a PSP, mas abranger as forças de segurança existentes no arquipélago e, desde logo, a força de segurança que tem uma natureza militar que é a Guarda Nacional Republicana.

Não vemos aqui um problema constitucional nesta formulação, porque o que a Constituição impõe, sem me querer alongar neste particular, é que as forças de segurança, nos termos do artigo 272º da Constituição, tenham uma organização única para todo o território nacional nos termos da lei.

A organização das forças de segurança é que tem que ser territorialmente nacional.

É esta a razão, Sr. Deputado José San-Bento, e agora aqui respondo-lhe, e é este obstáculo constitucional que impede a criação de uma polícia regional.

**Deputado José San-Bento (PS):** Mas os senhores é que defenderam!

**O Orador:** Solução que eu defendo pessoalmente, mas que é impossível hoje face ao actual quadro constitucional. É esta a solução que defendo pessoalmente, mas que é impossível face ao actual quadro constitucional e que obriga a uma alteração da Constituição neste particular, porque a organização das forças de segurança é única por todo o território nacional, o que não quer dizer e não impede, numa boa interpretação, que a coordenação das forças de segurança no território da Região Autónoma dos Açores possa ser atribuída ao Presidente do Governo Regional, obviamente tendo que despachar nesta matéria com o Ministro do Governo da República competente em matéria de segurança e em matéria das polícias, no caso o Ministro da Administração Interna.

Não é impossível, porque tal solução é tecnicamente possível também para os governadores civis que não são membros do Governo e que não exercem, nos termos da Proposta de Lei de Segurança Interna apresentada pelo Governo de Sócrates, a título delegado. Vão exercê-la, se se tornar lei, por direito próprio, porque há uma previsão legal expressa para esse efeito.

Portanto, a solução que o Sr. Deputado Francisco Coelho aqui anunciou de uma simples delegação de poder não nos parece sequer a melhor solução do ponto de vista de técnica jurídica e não nos parece a melhor solução também do ponto de vista político.

Por isso é que esta resolução do PSD tem todo o cabimento, porque ela, Srs. Deputados, e em particular os Srs. Deputados da maioria socialista, afirma uma posição clara e inequívoca no sentido de que esta Assembleia quer, acompanhando também o outro órgão de Governo próprio da Região, dizer à República que a matéria da coordenação das forças de segurança no território da Região deve ser objecto de uma regionalização, nos termos que acabei de expressar.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José San-Bento.

\* **Deputado José San-Bento (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É para insistir num ponto.

Efectivamente esta questão da polícia regional foi abordada pelo PSD, pelo Sr. Presidente da Comissão de Política Geral, em 6 de Outubro de 2006, como o PSD nunca tem dúvidas e tudo o que propõe é o mais correcto.

Acaba por fazer aqui o papel da arrogância da minoria (nós é que temos razão e a maioria não os compreende e a razão está connosco), e diz o seguinte:

“O Sr. Presidente da Comissão começou por agradecer (...) e explicou ainda que esta audição visava principalmente reflectir sobre o futuro da polícia nos Açores, a hipótese de criar uma polícia regional ou de existir uma coordenação regional sobre as polícias”.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Exactamente, sobre a hipótese. Está tudo bem!

**O Orador:** Sr. Deputado Bolieiro, isto só significa o seguinte:

Se o senhor tivesse tanta certeza, se fosse essa a luminária em termos de apresentação das soluções, o senhor nem tinha abordado sequer essa possibilidade. Era isso que quero referir.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Há alguma limitação de liberdade?

**O Orador:** Há alguma limitação. Não é possível a criação as polícias e por isso mesmo, como o senhor sabe, isto é o que achamos “escrever torto por linhas tortas”. É o que os senhores têm insistentemente feito.

Por outro lado, também é bom que se diga, Sr. Presidente, porque a câmara merece um esclarecimento, que no fundo já estamos a discutir a segunda resolução, a da coordenação das polícias.

O Sr. Presidente do Governo referia-se (o PSD tentou transformar aqui como uma derrota e como tendo sido uma legislação menos conseguida do ponto de vista dos interesses autonómicos) àquilo que veio a ser a Lei nº 53/2007, de 31 de Agosto, que é precisamente a que aprova a orgânica da Polícia de Segurança Pública.

A segunda resolução do PSD defende, para além da coordenação, o direito de ser informado pelos comandantes regionais das forças de segurança, e isso já está contemplado no que diz respeito à PSP precisamente no artigo 36º onde, para além daquilo que já foi feito na reorganização da PSP, na criação do comando regional de polícia (tudo medidas que o PS defendeu em devida altura), está também previsto no artigo 36º, nº 3 alínea c) “articular com o Governo Regional a actividade operacional das matérias cuja tutela compete à região”; na alínea d) “manter informados os órgãos de governo próprio da Região da situação de



segurança no respectivo território”; alínea e) “cooperar com os órgãos da Região em matéria do âmbito das atribuições da PSP”.

Portanto, este salto está muito longe de ser a derrota e de ser este balanço super negativo que o PSD aqui introduziu.

Por isso é que nós também referimos que o PSD, atendendo àquilo que foi dito pelo Presidente do Governo em Março de 2007, veio a reboque das medidas que o PS e o Governo têm defendido. E vem a reboque apresentando uma argumentação que, no fundo, acaba por recorrer para a intriga, para o semear de contradições e para uma completa ilusão daquilo que é o essencial e que eu julgo que, do ponto de vista do debate político, ficou aqui bem saliente e bem claro.

Muito obrigado.

**Presidente:** Antes de dar a palavra ao Sr. Deputado Bolieiro, queria dizer que a mesa optou por uma atitude de abrangência em relação a esta matéria. Portanto, entendemos a mensagem do “pacote” perfeitamente e, por outro lado, na presunção, porventura ingénuo, de que amanhã não será necessário um debate tão prolongado.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Bolieiro.

\* **Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Começo por dizer que subscrevo, porque este é um exemplo de boa condução dos trabalhos, com proficiência, a solução de se debater em simultâneo este conjunto de iniciativas políticas sobre a mesma matéria que são, como afirmei, coerentes e integradas entre umas e outras.

No entanto, devo lembrar que faltou aqui agendar um outro projecto de decreto legislativo sobre a mesma matéria, a segurança pública: a criação do Conselho Consultivo.

Portanto, não delimitamos a projectos de resolução. Há também um projecto de decreto legislativo.

Também para esta sessão está prevista uma anteposta de lei do Grupo Parlamentar do PSD.

Portanto, quanto a iniciativas concretas, não temos dúvidas quanto à capacidade de iniciativa que o Grupo Parlamentar do PSD tem apresentado.

Queria apenas dizer, em resposta ao Presidente do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, que, pela parte do Grupo Parlamentar do PSD, sabemos o que queremos nesta matéria, onde estamos e para onde vamos.

A coincidência que nesta matérias identificamos, relembrando ao Grupo Parlamentar do Partido Socialista que o próprio Presidente do Governo e Presidente do Partido Socialista tem as opiniões que tem, é porque identificamos contradições no discurso do Grupo Parlamentar do Partido Socialista com as afirmações do Presidente do Partido Socialista e Presidente do Governo.

**Deputado José San-Bento (PS):** Isso é mentira!

**O Orador:** Mas pela parte do PSD sabemos o que queremos, sabemos e apresentamos com convicção as propostas que apresentamos, porque sabemos também onde queremos chegar com elas.

Quanto à proposta em concreto, tendo em conta a questão levantada pelo Deputado Artur Lima, de afirmação de um projecto de interesse comum correspondente a este objectivo assumido pela Autonomia, então designada de cooperativa, não discordamos, porque é esse o papel que temos vindo a desempenhar.

O projecto de revisão do Estatuto Político-Administrativo que está hoje em debate na Assembleia da República é também a afirmação deste exercício de autonomia cooperativa, assumindo as responsabilidades que interessa assumir para o interesse dos Açores e dos açorianos.

Portanto, estas propostas têm um objectivo: servir o interesse dos açorianos, cumprir um objectivo da Autonomia e da Região Autónoma. Não temos dúvidas quanto a isso.

A Lei de Finanças das Regiões Autónomas é, quanto a esta matéria, muito clara. Prevê várias soluções da responsabilidade financeira do Estado entre o próprio Estado e as Regiões Autónomas.

Portanto, entre os vários elementos de relação e de cooperação financeira entre o Estado e as Regiões Autónomas, está naturalmente as transferências do Orçamento do Estado que, ao abrigo até da aplicação de uma fórmula e de um princípio de solidariedade que transfere para a Região determinadas verbas em cada orçamento do Estado.

Há também uma outra solução que a Lei de Finanças das Regiões Autónomas determina, cumprindo a Constituição: assegura que todas as receitas fiscais da Região Autónoma dos

Açores são da própria Região e há um terceiro elemento que é cumulativo e não disjuntivo, não faz subtracção pela sua aplicação aos restantes meios de financiamento do Estado, nem sequer aos próprios investimentos que o Estado defina no âmbito do PIDAC nas Regiões Autónomas. Não tem nada a ver com este enquadramento.

**Presidente:** Terminou o seu tempo, Sr. Deputado.

**O Orador:** Sr. Presidente, apenas para concluir.

Na minha opinião, ao contrário do que defende o Deputado Artur Lima, nos termos da compreensão da Lei de Finanças Autónomas, temer que um projecto de interesse comum signifique subtracção das responsabilidades financeiras do Estado com a aplicação da Lei de Finanças das Regiões Autónomas com a autonomia dos Açores, nesta matéria estou tranquilo e quanto muito reforço a exigência do cumprimento da Lei de Finanças das Regiões Autónomas por parte do Estado na sua plenitude, obviamente.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Srs. Deputados, atingidas as 20 horas, vamos encerrar por hoje os nossos trabalhos.

Retomamos amanhã às 10 horas.

Boa noite.

*Eram 20 horas.*

*\* Texto não revisto pelo orador*

*Deputados que entraram durante a sessão:*

**Partido Socialista (PS)**

Manuel **Herberto** Santos da **Rosa**

**Rogério** Paulo Lopes Soares **Veios**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Pedro** António de Bettencourt **Gomes**

**Sérgio** Emanuel Bettencourt **Ferreira**

*Deputados que faltaram à sessão:*

***Partido Socialista (PS)***

**Catarina Paula Moniz Furtado**

**Osório Meneses da Silva**

**Partido Social Democrata (PSD)**

**Jaime António da Silveira Jorge**

---

**Documentos entrados**

**RELATÓRIO E PARECER SOBRE O PROJECTO DE RESOLUÇÃO N.º 10/2008 –  
INSTITUIÇÃO DO PLENÁRIO JOVEM**

**Capítulo I  
INTRODUÇÃO**

A Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho reuniu no dia 14 de Abril de 2008, na sede da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta.

Da agenda da reunião constava a apreciação, relato e emissão de parecer, na sequência do solicitado por Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa, sobre o Projecto de Resolução n.º 10/2008 – Instituição do Plenário Jovem.

O mencionado Projecto de Resolução, da autoria do Grupo Parlamentar do PS, deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores em 12 de Março de 2008, tendo sido enviado à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, para apreciação, relato e emissão de parecer, até 11 de Abril de 2008.

**Capítulo II**

## **ENQUADRAMENTO JURÍDICO**

A iniciativa dos Deputados quanto à apresentação de projectos de Resolução funda-se no disposto na alínea *d)* do n.º 1 do artigo 23.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

Nos termos do artigo 145.º do Regimento da Assembleia Legislativa, aplicam-se aos projectos de Resolução, com as devidas adaptações, as disposições regimentais relativas ao processo legislativo comum, com excepção das enumeradas no n.º 1 daquele artigo.

O debate em plenário das iniciativas é precedido da apreciação pelas comissões especializadas permanentes, cabendo-lhes elaborar os correspondentes relatórios, nos termos do disposto na alínea *a)* do artigo 42.º do Regimento da Assembleia Legislativa.

Nos termos da Resolução da Assembleia Legislativa n.º 1-A/99/A, de 28 de Janeiro, as matérias relativas à “organização e funcionamento da Assembleia” são competência da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

### **Capítulo III**

#### **APRECIÇÃO DA INICIATIVA**

O Projecto de Resolução em apreciação visa a instituição de um plenário de jovens, com periodicidade anual.

Os plenários jovens já têm sido organizados pela Assembleia Legislativa.

### **Capítulo IV**

#### **SÍNTESE DAS POSIÇÕES DOS DEPUTADOS**

Os *Grupos Parlamentares do PS e do PSD* manifestaram a sua concordância com a continuação da realização dos plenários jovens, com periodicidade anual.

### **Capítulo V**

#### **CONCLUSÕES E PARECER**

Com base na apreciação efectuada, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho concluiu pela importância da iniciativa, tendo deliberado, por unanimidade, emitir parecer favorável à aprovação do Projecto de Resolução n.º 10/2008 – Instituição do Plenário Jovem.

Consequentemente, o Projecto de Resolução está em condições de ser agendado para debate e votação em reunião plenária.

Horta, 14 de Abril de 2008

**O Relator,** *Rogério Veiros*

O presente relatório foi aprovado por unanimidade

**O Presidente,** *Hernâni Jorge*

---

## **RELATÓRIO E PARECER SOBRE O PROJECTO DE RESOLUÇÃO N.º 11/2008 – INSTITUIÇÃO DO PLENÁRIO SÉNIOR**

### **Capítulo I INTRODUÇÃO**

A Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho reuniu no dia 14 de Abril de 2008, na sede da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta.

Da agenda da reunião constava a apreciação, relato e emissão de parecer, na sequência do solicitado por Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa, sobre o Projecto de Resolução n.º 11/2008 – Instituição do Plenário Sénior.

O mencionado Projecto de Resolução, da autoria do Grupo Parlamentar do PS, deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores em 12 de Março de 2008, tendo sido enviado à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, para apreciação, relato e emissão de parecer, até 11 de Abril de 2008.

### **Capítulo II ENQUADRAMENTO JURÍDICO**

A iniciativa dos Deputados quanto à apresentação de projectos de Resolução funda-se no disposto na alínea *d)* do n.º 1 do artigo 23.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

Nos termos do artigo 145.º do Regimento da Assembleia Legislativa, aplicam-se aos projectos de Resolução, com as devidas adaptações, as disposições regimentais relativas ao processo legislativo comum, com excepção das enumeradas no n.º 1 daquele artigo.

O debate em plenário das iniciativas é precedido da apreciação pelas comissões especializadas permanentes, cabendo-lhes elaborar os correspondentes relatórios, nos termos do disposto na alínea *a)* do artigo 42.º do Regimento da Assembleia Legislativa.

Nos termos da Resolução da Assembleia Legislativa n.º 1-A/99/A, de 28 de Janeiro, as matérias relativas à “organização e funcionamento da Assembleia” são competência da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

### **Capítulo III**

#### **APRECIÇÃO DA INICIATIVA**

O Projecto de Resolução em apreciação visa a instituição de um plenário sénior, com periodicidade anual.

### **Capítulo IV**

#### **SÍNTESE DAS POSIÇÕES DOS DEPUTADOS**

Os *Grupos Parlamentares do PS e do PSD* manifestaram a sua concordância com a realização de plenários seniores, com periodicidade anual.

### **Capítulo V**

#### **CONCLUSÕES E PARECER**

Com base na apreciação efectuada, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho concluiu pela importância da iniciativa, tendo deliberado, por unanimidade, emitir

parecer favorável à aprovação do Projecto de Resolução n.º 11/2008 – Instituição do Plenário Sénior.

Consequentemente, o Projecto de Resolução está em condições de ser agendado para debate e votação em reunião plenária.

Horta, 14 de Abril de 2008

**O Relator,** *Rogério Veiros*

O presente relatório foi aprovado por unanimidade

**O Presidente,** *Hernâni Jorge*

---

**RELATÓRIO E PARECER SOBRE O PROJECTO DE RESOLUÇÃO N.º 9/2008 – RESOLVE ENCARREGAR A COMISSÃO DE ASSUNTOS PARLAMENTARES, AMBIENTE E TRABALHO DE, NAS SUAS FUNÇÕES DE ACOMPANHAMENTO DA ACTIVIDADE POLÍTICA E ADMINISTRATIVA, SE OCUPAR ESPECIFICAMENTE DA VERIFICAÇÃO DAS CONDIÇÕES EM QUE ESTÃO A SER EXERCIDAS AS OBRIGAÇÕES DE SERVIÇO PÚBLICO DE RÁDIO E TELEVISÃO NOS AÇORES**

**Capítulo I**  
**INTRODUÇÃO**

A Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho reuniu no dia 14 de Abril de 2008, na sede da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta.

Da agenda da reunião constava a apreciação, relato e emissão de parecer, na sequência do solicitado por Sua Excelência o Presidente da Assembleia Legislativa, sobre o Projecto de Resolução n.º 9/2008 – Resolve encarregar a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho de, nas suas funções de acompanhamento da actividade política e administrativa, se ocupar especificamente da verificação das condições em que estão a ser exercidas as obrigações de serviço público de rádio e televisão nos Açores.



O mencionado Projecto de Resolução, da autoria da Representação Parlamentar do CDS/PP, deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores em 12 de Março de 2008, acompanhado do pedido de tramitação com processo de urgência com dispensa de exame em comissão. Contudo, por deliberação do Plenário de 13 de Março de 2008, baixou à Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho, para apreciação, relato e emissão de parecer, até 12 de Abril de 2008.

## **Capítulo II**

### **ENQUADRAMENTO JURÍDICO**

A iniciativa dos Deputados quanto à apresentação de projectos de Resolução funda-se no disposto na alínea *d)* do n.º 1 do artigo 23.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores.

Nos termos do artigo 145.º do Regimento da Assembleia Legislativa, aplicam-se aos projectos de Resolução, com as devidas adaptações, as disposições regimentais relativas ao processo legislativo comum, com excepção das enumeradas no n.º 1 daquele artigo.

O debate em plenário das iniciativas é precedido da apreciação pelas comissões especializadas permanentes, cabendo-lhes elaborar os correspondentes relatórios, nos termos do disposto na alínea *a)* do artigo 42.º do Regimento da Assembleia Legislativa.

Nos termos da Resolução da Assembleia Legislativa n.º 1-A/99/A, de 28 de Janeiro, as matérias relativas à “comunicação social” são competência da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho.

## **Capítulo III**

### **APRECIÇÃO DA INICIATIVA**

O Projecto de Resolução em apreciação visa encarregar a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho de, nas suas funções de acompanhamento da actividade política e administrativa, se ocupar especificamente da verificação das condições em que estão a ser exercidas as obrigações de serviço público de rádio e televisão nos Açores.

A presente iniciativa fundamenta-se nas conclusões constantes do relatório da audição parlamentar do Director do Centro Regional dos Açores da Rádio e Televisão de Portugal, SA, efectuada no dia 14 de Fevereiro de 2008, em conformidade com o disposto no n.º 5 do artigo 5.º dos Estatutos da Rádio e Televisão de Portugal, SA, aprovados pela Lei n.º 8/2007, de 14 de Fevereiro, bem como na necessidade de verificar as condições em que estão a ser exercidas as obrigações de serviço público de rádio e televisão nos Açores e de apreciar o grau de cumprimento das recomendações aprovadas pela Assembleia Legislativa em 21 de Fevereiro de 2008.

## **Capítulo IV**

### **SÍNTESE DAS POSIÇÕES DOS DEPUTADOS**

Os *Grupos Parlamentares do PS e do PSD* manifestaram o entendimento de que é importante que a Assembleia Legislativa reflecta e acompanhe a concretização do modelo de serviço público de rádio e televisão na Região, definido pelo actual quadro legal.

## **Capítulo V**

### **CONTRIBUTOS E PARECERES DE OUTRAS ENTIDADES**

A Comissão procedeu à audição da *Representação Parlamentar do CDS/PP*, na qualidade de proponente da iniciativa, porquanto o respectivo Deputado não integra esta Comissão, o qual informou, presencialmente, dos objectivos e fundamentos da iniciativa, destacando a importância que reveste o serviço público de rádio e televisão nos Açores.

Segundo o proponente, na sequência da audição parlamentar do Director do Centro Regional dos Açores da Rádio e Televisão de Portugal, SA, realizada em 14 de Fevereiro de 2008, e das consequentes recomendações aprovadas pela Assembleia Legislativa em 21 de Fevereiro de 2008, importa verificar as condições em que estão a ser exercidas as obrigações de serviço público de rádio e televisão nos Açores e acompanhar o grau de cumprimento das referidas recomendações.

Para o CDS/PP é importante que o serviço público de rádio e televisão nos Açores garanta uma cobertura adequada de todas as parcelas do território regional, devendo, para tanto,

dispor dos meios para realizar com eficácia essa obrigação. O proponente da iniciativa manifestou-se também preocupado com a renovação dos equipamentos do Centro Regional dos Açores da Rádio e Televisão de Portugal, SA.

A concluir, o Deputado Artur Lima, referindo-se ao recente relatório da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) afirmou não perceber os critérios do regulador que apontam para uma “democracia medida ao metro ou ao minuto e com quotas”, lamentando ainda que alguns programas da RTP-Açores contribuam para o bipartidarismo ao esquecer a representação parlamentar do CDS-PP.

## **Capítulo VI**

### **CONCLUSÕES E PARECER**

Com base na apreciação efectuada, a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho concluiu pela importância da iniciativa, tendo deliberado, por unanimidade, emitir parecer favorável à aprovação do Projecto de Resolução n.º 9/2008 – Resolve encarregar a Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho de, nas suas funções de acompanhamento da actividade política e administrativa, se ocupar especificamente da verificação das condições em que estão a ser exercidas as obrigações de serviço público de rádio e televisão nos Açores.

Consequentemente, o Projecto de Resolução está em condições de ser agendado para debate e votação em reunião plenária.

Horta, 14 de Abril de 2008

**O Relator,** *Rogério Veiros*

O presente relatório foi aprovado por unanimidade

**O Presidente,** *Hernâni Jorge*

---

**RELATÓRIO DE ACTIVIDADES DA COMISSÃO DE ASSUNTOS  
PARLAMENTARES, AMBIENTE E TRABALHO, ELABORADO AO ABRIGO DO**

**ARTIGO 103.º DO REGIMENTO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO  
AUTÓNOMA DOS AÇORES – 04/2008**

**Capítulo I  
GENERALIDADES**

**1. Constituição da Comissão**

**A Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho é constituída pelos seguintes deputados:**

**a) Partido Socialista (PS)**

- **António Toste**
- **Hélder Silva**
- **Hernâni Jorge**
- **José Ávila**
- **Mariana Matos**
- **Rogério Veiros**

**b) Partido Social Democrata (PSD)**

- **Carla Bretão**
- **José Manuel Nunes**
- **Mark Marques**
- **Pedro Gomes**

**c) Deputado Independente**

- **Paulo Gusmão**

**2. Mesa da Comissão**

**A Mesa da Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho tem a seguinte composição:**

Presidente – **Hernâni Jorge (PS)**

Relator – **Rogério Veiros (PS)**

Secretário – **Mark Marques (PSD)**

**Capítulo II**

## **PERÍODO DE REFERÊNCIA E REUNIÕES EFECTUADAS**

O presente relatório respeita às actividades desenvolvidas pela Comissão de Assuntos Parlamentares, Ambiente e Trabalho no período compreendido entre 6 de Março e 14 de Abril de 2008.

Neste período, a Comissão reuniu no dia 17 de Março, na delegação de São Miguel da Assembleia Legislativa, em Ponta Delgada, e no dia 14 de Abril, na sede da Assembleia Legislativa, na Horta.

### **Capítulo III TRABALHOS REALIZADOS**

Na reunião de 17 de Março de 2008, a Comissão desenvolveu os seguintes trabalhos:

1. Conclusão da apreciação da Informação da Mesa da Assembleia Legislativa relativa ao prazo para a justificação de faltas dos Deputados;
2. Apreciação, relato e emissão de pareceres, no âmbito da audição dos órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas, sobre as seguintes iniciativas legislativas:
  - 2.1. Projecto de Lei n.º 463/X (PCP) – Garante o porte pago aos órgãos de imprensa e a publicações especializadas;
  - 2.2. Projecto de Lei n.º 469/X – (PCP) Altera o Estatuto dos Deputados e o regime Jurídico de Incompatibilidades e Impedimentos dos Titulares de Cargos Políticos e Altos Cargos Públicos;
  - 2.3. Projecto de Lei n.º 472/X (BE) – Altera o Regime Jurídico de Incompatibilidades e Impedimentos dos Titulares de Cargos Políticos e Altos Cargos Públicos.
3. Audição dos primeiros subscritores da Petição “Prevenção de cheias na Lombinha da Maia, Ribeira Grande, São Miguel”, seguida de visita aos locais visados pela referida Petição.

Na reunião de 14 de Abril de 2008, a Comissão desenvolveu os seguintes trabalhos:

1. Apreciação, relato e emissão de parecer sobre as seguintes iniciativas:

1.1. Projecto de Resolução n.º 9/2008 – Resolve encarregar a CAPAT de, nas suas funções de acompanhamento da actividade política e administrativa, se ocupar especificamente da verificação das condições em que estão a ser exercidas as obrigações de serviço público de rádio e televisão nos Açores;

1.2. Projecto de Resolução n.º 10/2008 – Instituição do Plenário Jovem;

1.3. Projecto de Resolução n.º 11/2008 – Instituição do Plenário Sénior;

2. Início da apreciação das seguintes iniciativas legislativas:

2.1. Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 10/2008 – Competências da Região Autónoma dos Açores em matéria de emprego e trabalho para a entrada de cidadãos estrangeiros e atribuição do estatuto de residente;

2.2. Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 11/2008 – Parque Natural da Ilha do Pico;

3. Apreciação, relato e emissão de parecer, no âmbito da audição dos órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas, sobre as seguintes iniciativas legislativas:

3.1. Projecto de Decreto-Lei n.º 792/2007 – Estabelece o regime jurídico da conservação da natureza e da biodiversidade e revoga os Decretos-Leis n.ºs 264/79, de 1 de Agosto, e 19/93, de 23 de Janeiro;

3.2. Projecto de Decreto-Lei n.º 95/2008 – Estabelece o regime jurídico relativo à prevenção e controlo integrados da poluição, transpõe para a ordem jurídica interna a Directiva n.º 2008/1/CE, do Parlamento europeu e do Conselho, de 15 de Janeiro;

4. Aprovação do relatório de actividades da Comissão, a que se refere o artigo 103.º do Regimento da Assembleia Legislativa.

## **Capítulo IV**

### **TRABALHOS PENDENTES**

Estão pendentes, à data do presente relatório, aguardando a conclusão da apreciação em Comissão, as seguintes iniciativas:

– Projecto de Resolução n.º 13/2008 – Conta de Gerência da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores referente ao ano de 2007;

- Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 10/2008 – Competências da Região Autónoma dos Açores em matéria de emprego e trabalho para a entrada de cidadãos estrangeiros e atribuição do estatuto de residente;
- Proposta de Decreto Legislativo Regional n.º 11/2008 – Parque Natural da Ilha do Pico;
- Petição sobre a “Prevenção de cheias na Lombinha da Maia, Ribeira Grande, São Miguel”, que tem como primeiros subscritores os Srs. José Carlos Moniz Vieira e José Eugénio Bulhões Moniz de Sá;
- Petição sobre a reabilitação do lugar da Ponta da Fajã Grande na ilha das Flores;
- Projecto de Resolução n.º 8/2007 – Conta de Gerência da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores referente ao ano de 2006;
- Projecto de Decreto Legislativo Regional n.º 2/2005 – Reserva Natural Regional da Dorsal Médio-Atlântica dos Açores.

Horta, 14 de Abril de 2008

**O Relator,** *Rogério Veiros*

O presente relatório foi aprovado por unanimidade

**O Presidente,** *Hernâni Jorge*

\_\_\_\_\_

**A Redactora:** Maria da Conceição Fraga Branco

